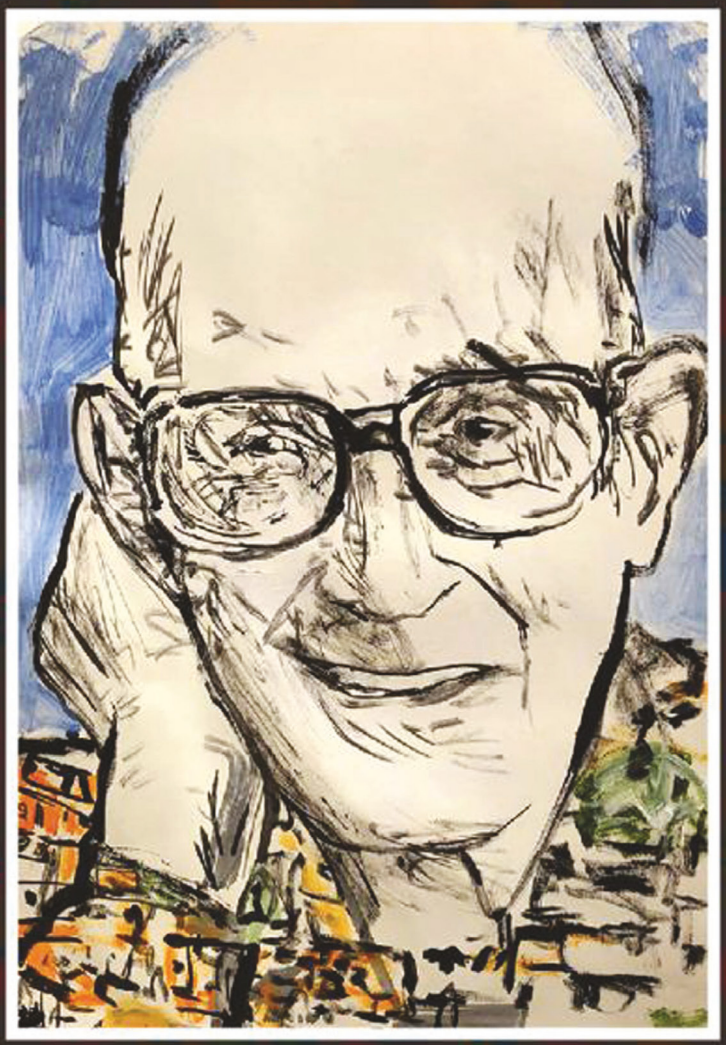
NELSON CARLOS DOS SANTOS
CÉLIA SEBASTIANA SILVA

DE CRÔNICA EM CRÔNICA FORMA-SE UM LEITOR?

Leitura de
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
na Educação Básica



CEPAE
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira
Diretora Comercial

Winstom Ercick Cardoso Pereira
Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO
Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)
Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)
Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)
Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)
Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)
Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)
Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)
Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)
Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)
Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)
Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO
Nelson José de Castro Peixoto
Núbia Vieira
Welima Fabiana Vieira Borges

Nelson Carlos dos Santos
Célia Sebastiana Silva

DE CRÔNICA EM CRÔNICA FORMA-SE UM LEITOR?

Leitura de

Carlos Drummond de Andrade

na Educação Básica

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2023 -

Copyright © 2023 by
Nelson Carlos dos Santos
Célia Sebastiana Silva

Editora Alta Performance
Rua 132-A, nº 100, Qd F-45 Lote 2
Setor Sul - CEP 74093-22 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: http://editoraaltaperformance.com.br/
Contatos:
Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Editoração: Franco Jr.
Imagem da capa: Léo Pincel

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região) 3294

S237 Santos, Nelson Carlos dos.
De crônica em crônica forma-se um leitor: leitura de Carlos Drummond de Andrade na educação básica. / Nelson Carlos dos Santos, Célia Sebastiana Silva. – 1ª ed. – Goiânia : Editora Alta Performance, 2023.
67p.: il.

ISBN: 978-65-5447-060-5

1. Educação. 2. Literatura brasileira. 3. Crônica. 4. Pós-Graduação. I. Título.

CDU: 377+82-94

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor.

DIREITOS RESERVADOS
É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores.
A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

APRESENTAÇÃO

Este Produto Educacional, vinculado à Dissertação de Mestrado *Crônicas de Carlos Drummond de Andrade*: *uma contribuição para a formação de leitores na educação básica* desenvolvida no Programa de Pós-Graduação do curso de Mestrado em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação/CEPAE da Universidade Federal de Goiás, na linha de pesquisa *Práticas escolares e aplicação do conhecimento*, é constituído, em forma de e-book, pelo relato fundamentado da experiência estética de leitura mediada com crônicas de Carlos Drummond de Andrade. A referida proposta com a mediação de leitura de crônicas foi aplicada no contexto de sala de aula, durante o período de 17/08 a 26/11, no decorrer do segundo semestre do ano de 2021, com duas turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental, com 20 alunos, e com 10 alunos de duas turmas da II Etapa da Educação de Jovens e Adultos, todos da Escola Municipal Alessandro Miguel, Inhumas - GO, campo da pesquisa. O acesso público e gratuito a esse produto estará disponibilizado em plataformas digitais como o "Educapes", o "Escola Digital", destinado a professores, professoras e profissionais da educação, e o "Medium.com", que pode ser acessado pela comunidade em geral. Este material apresenta a mediação de leituras com crônicas como uma forma de estimular e/ou ampliar a prática leitora, o diálogo entre leitor e texto e, consequentemente, de contribuir para a formação do leitor literário com capacidade crítica e reflexiva, uma meta importante a ser conquistada no processo de ensino e aprendizagem voltado à obtenção de melhoria da qualidade do ensino na Educação Básica. O acesso ao conteúdo educacional intitulado. *De crônica em crônica forma-se um leitor?* Leitura de Carlos Drummond de Andrade na Educação Básica será feito via tags.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

INTRODUÇÃO 7

1. EXPERIÊNCIA DE LEITURAS MEDIADAS NA COMPOSIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL 9
   - 1.1 Conhecendo Carlos Drummond de Andrade 11
   - 1.2 A leitura como produção de sentido e análise das crônicas 13
   - 1.3 Análise da crônica "Da utilidade dos animais" 28
   - 1.4 Análise da crônica "O PTT" 38
   - 1.5 Análise da crônica "Debaixo da ponte" 44
   - 1.6 Análise da crônica "A lixeira" 48
   - 1.7 Análise da crônica "Os dias lindos" 51

CONSIDERAÇÕES FINAIS 64

REFERÊNCIAS 65

SOBRE OS AUTORES 67

INTRODUÇÃO

Este Produto Educacional em formato de e-book foi gerado a partir da Dissertação de Mestrado em Ensino na Educação Básica desenvolvida no CEPAE/UFG, intitulada *Carlos Drummond de Andrade: uma experiência de leitura mediada de crônicas no Ensino Fundamental*. Nossa intenção com a elaboração deste material educacional, sob o título *De crônica em crônica forma-se um leitor?* Leitura de Carlos Drummond de Andrade na Educação Básica, é cumprir com o compromisso político e social, assumido junto ao programa, de contribuir com a melhoria do Ensino na Educação Básica. Para tanto, nos propusemos a disponibilizar este suporte didático-pedagógico online, por meio do portal *Educapes* e da plataforma digital "Escola Digital", para o acesso gratuito dos docentes dessa etapa de ensino. Dessa forma, poderemos dar nossa parcela de contribuição para o processo de formação e constituição de leitores do texto literário, de sujeitos autônomos e mais humanizados e, portanto, de seres críticos e reflexivos aptos a atuarem de forma ativa no ambiente em que se inserem. Isso permite valorizar a interação verbal dentro das relações dialógicas no processo de mediação de leitura com crônicas, nesse caso, crônicas de Carlos Drummond de Andrade.

A proposta com a mediação de leitura com crônicas foi aplicada no contexto de sala de aula no período de 17 de agosto de 2021 a 26 de novembro de 2021, com duas turmas do 9º Ano do Ensino Fundamental, com 20 alunos, e duas turmas da II Etapa da Educação de Jovens e Adultos, com 10 alunos, na Escola Municipal Alessandro Miguel, da rede pública de ensino da Educação Básica, situada na cidade de Inhumas - GO.

A observação participante na aplicação das leituras mediadas das crônicas permitiu verificar como os alunos lidam com a proposta da experiência es-

tética e da construção de sentidos envolvendo a interação verbal. Pode-se afirmar, a partir dos resultados obtidos com a pesquisa, a importância da prática da leitura literária na formação plena do sujeito autônomo, crítico, reflexivo e, sobretudo, humanizado, que possa atuar, conscientemente, na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

1

EXPERIÊNCIA DE LEITURAS MEDIADAS NA COMPOSIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Nesse contexto, acrescenta-se a relevância do texto literário na composição do leitor, haja vista que a literatura, dentre várias particularidades e funções, proporciona uma melhor compreensão do mundo e do processo de constituição de sujeitos e relações humanas. Também permite ao leitor a oportunidade de constituir um raciocínio coerente e analítico, capacitando-o a encontrar sua própria subjetividade sem se afastar do mundo real. Ou seja, por possuir caráter humanizante bem como capacidade de poder diminuir ou balancear as injustiças sociais, a literatura necessita estar no cerne da sociedade já que, "[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura." (CANDIDO, 2004, p. 175).

Diante disso, e por intentar reafirmar a importância do professor e da escola no processo de formação de um leitor competente com capacidade crítica e reflexiva, e ainda acreditando na prática da leitura literária como fator essencial ao processo de aprendizagem do aluno no ensino da Educação Básica, é que este trabalho expõe a pesquisa *Crônicas de Carlos Drummond de Andrade: uma contribuição para a formação de leitores na educação básica*.

Essa temática foi definida em razão da percepção e reflexão acerca de alguns problemas evidenciados nas salas de aula do 9º ano do Ensino Fundamental, no período de três meses em que trabalhamos como professor-substituto de Língua Portuguesa e também, do mesmo modo, na Educação de Jovens e Adultos, onde atuamos como professor de Língua Portuguesa na II Etapa do 5º e 6º Semestres, séries que equivalem ao 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. As questões adversas percebidas se referem à falta da prática de leitura, principalmente de textos literários, da dificuldade de interpretação textual e da pouca capacidade crítica em relação aos temas retratados em textos e obras apresentadas como propostas de ensino. Ao ressaltar esses fatores, é possível constatar que a ausência de uma prática leitora eficaz pode desencadear uma série de dificuldades no processo de ensino e aprendizagem dos alunos bem como na sua participação ativa como agentes transformadores do contexto social em que estão inseridos.

Tal nos oferece a certeza de que o trabalho com a leitura de textos literários na escola é fundamental para a formação integral do estudante para além do letramento e para o seu desenvolvimento intelectual, afetivo e, sobretudo, humano.

O estabelecimento de ensino é, na modernidade, de acordo com o que considera Coelho (2000), um espaço privilegiado com a incumbência de construir os alicerces para a formação e o desenvolvimento do indivíduo. Assim sendo, a escola, dentre os ensinamentos que oferece, deve privilegiar o ensino literário por ser, de forma geral, o estudo que mais impulsiona o ser humano a refletir, conscientemente, acerca de si e de seu semelhante.

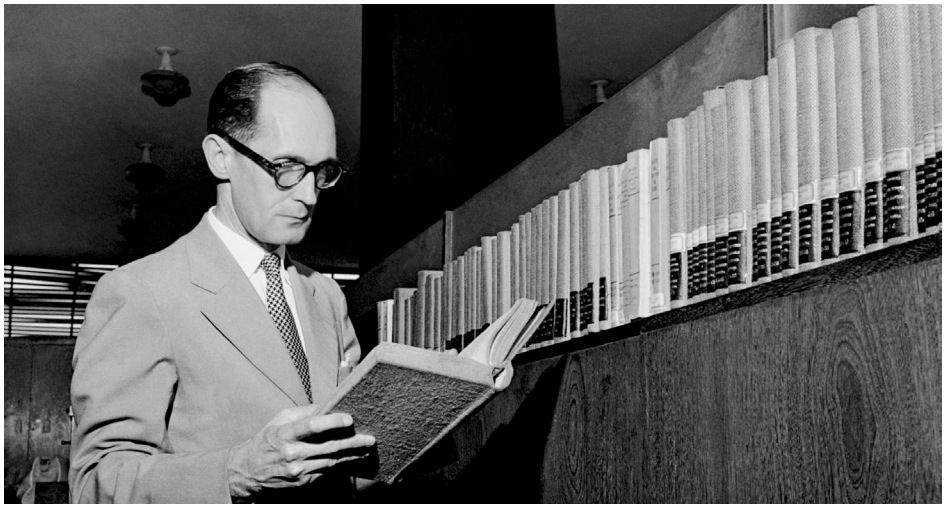
Dessa maneira, se cabe à escola cumprir o seu dever de ensinar a ler, o papel do professor mediador se torna ainda mais relevante. Para Petit (2008), o mediador pode ser um professor, um bibliotecário, um psicanalista ou até uma pessoa da comunidade, dentre outros. Mas é, sem dúvida, no encontro do docente com os seus alunos na sala de aula que se desenvolve o trabalho de leitura que torna essa conexão mais fixada. É nesse ambiente escolar que o professor mediador pode oportunizar e aproximar o seu aluno do encontro com textos literários. E é a partir desse pensamento que surge o trabalho de pesquisa-ação *Carlos Drummond de Andrade*: *uma contribuição para a formação de leitores na educação básica* com o objetivo de comprovar a *hipótese* de que é possível que

os estudantes se identifiquem e desenvolvam a prática da leitura crítica a partir do gênero textual crônica.

Assim, um percurso foi traçado para que as aulas fossem executadas e, ao longo desse trajeto, as ações desenvolvidas resultaram neste Produto Educacional, que é a compilação do trabalho de leituras mediadas com crônicas de Carlos Drummond de Andrade.

1.1 Conhecendo Carlos Drummond de Andrade

Quadro 1 - Biografia de Carlos Drummond de Andrade



Carlos Drummond de Andrade na Biblioteca Euclides da Cunha, c.1959. Foto de Marcel Gautherot / Acervo IMS.

"Grande poeta universal do Brasil", na definição do também mineiro Otto Lara Resende, Drummond, que se declarava jornalista acima de tudo, não foi menor na crônica, gênero a que se dedicou ao longo de toda a sua vida de poeta. Carlos Drummond de Andrade nasceu em 31 de outubro de 1902, em Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade. Menino introvertido e míope, fez os primeiros estudos na cidade natal e, em 1920, quando a família se mudou para a capital, Belo Horizonte, o jovem de então 18 anos logo procurou o *Diário de Minas*, no qual começou a colaborar no ano seguinte. Ali conheceu seus grandes amigos do futuro: os poetas Abgar Renault e Emílio Moura, os escritores Aníbal Machado e João Alphonsus e outros.

Ainda que já sentisse o apelo da literatura, matriculou-se na Escola de Farmácia e chegou a colar grau em 1925, ano em que se casou com Dolores Dutra de Morais. Se já dera dois passos importantes nesse ano, empenhou-se em nova empreitada: juntou-se a mais três amigos e fundou A Revista, órgão oficial do modernismo mineiro que, nos seus três números, estampou os grandes nomes do movimento literário de 1922. A todas essas conquistas se somaria talvez a maior alegria da vida de Drummond: o nascimento, em 1928, de sua filha Maria Julieta Drummond de Andrade, a quem ele devotaria não só o amor de pai, mas também a admiração pela inteligência e por seu talento literário, o que fez da relação entre os dois uma troca excepcionalmente preciosa. Muito das conversas de toda uma geração no Café Estrela, de Belo Horizonte, e uma certa flânerie de Drummond pela cidade forjaram o poeta de Alguma poesia, de 1930, seu livro de estreia, quando o modernismo já estava consolidado. Depois veio Brejo das almas, de 1934, livro em que, como no primeiro, o poeta ainda se revela contido nas emoções.

No mesmo ano, Drummond transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde assumiu a chefia do gabinete do ministro da Educação e Saúde Pública, seu amigo Gustavo Capanema. Dessa forma o poeta começou vida na antiga capital do país, onde ficaria até morrer. Em 1940, com o lançamento da pequena edição de Sentimento do mundo, de apenas 150 exemplares, é que o poeta se mostra inteiro, liberto da censura emocional. Otto Lara Resende, no artigo intitulado “Segunda mão”, diz que “ninguém faz ideia do que significava possuir um exemplar dessas bíblias do lirismo itabirano. [...] Ver, assim que ela apareceu, era um privilégio. Um deslumbramento”. Deslumbramento que se repetiria outras vezes, com outros livros, como em 1945, com a publicação de A rosa do povo. Drummond colaborava no suplemento literário dos jornais cariocas A Manhã, Correio da Manhã e Folha Carioca. Exerceu muitas outras atividades em órgãos federais, como a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde trabalhou com Rodrigo Melo Franco de Andrade. Ali se tornaria chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento, para só sair em 1962, aposentado.

Coerente nas suas escolhas, podia ficar pouco tempo em um cargo, como aconteceu em 1945, quando, a convite de Luís Carlos Prestes, assumiu a coeditoria do diário comunista Tribuna Popular. Na Comissão de Literatura, do Conselho Nacional de Cultura, a qual foi convidado a integrar pelo então presidente Jânio Quadros, em 1961, não ficou além das primeiras reuniões. Era, no entanto, de duradoura fidelidade quando em sintonia com o trabalho que abraçava. Desse modo, colaborou durante 15 anos, aos domingos, no Correio da Manhã, para só sair em 1969, ano em que passou a escrever no Jornal do Brasil. Só em 1984 abandonaria o JB, ao encerrar sua carreira de cronista. A produção poética de Drummond, reunida na Obra completa, de 1964, correu paralela à de cronista, publicada em livro pela primeira vez em Confissões de Minas, de 1944. Ele escreveu durante 64 anos uma prosa de altíssima qualidade literária que o coloca entre os mestres, não só pela agilidade e leveza próprias ao gênero, como pela impressionante variedade temática de que tratou. Fosse como poeta,

cronista, tradutor, autor ou missivista, não deixou de organizar metódica e cuidadosamente sua produção intelectual, assim como não negligenciou cuidados com os documentos de sua vida de autor, pai ou cidadão. Arquivista nato, bibliotecário intuitivo, seu pequeno arquivo de natureza mais pessoal e sua biblioteca de cerca de 4 mil volumes, sob a guarda do Instituto Moreira Salles desde fevereiro de 2011, revelam muito da personalidade e do talento desse artista que estranhamente foi também um burocrata feroz.

Entre as incontáveis honrarias que recebeu em vida, Drummond foi exaltado até mesmo no carnaval carioca, quando em 1987 a Estação Primeira de Mangueira o homenageou com o enredo "O reino das palavras" e ganhou o campeonato. A alegria do poeta não foi integral, porque naquele momento sua filha, Maria Julieta, já sofria de doença que a levaria à morte no dia 5 de agosto de 1987.

Carlos Drummond de Andrade morreu no dia 17 de agosto de 1987, no Rio de Janeiro, 12 dias depois da morte de Maria Julieta.

Fonte: https://ims.com.br/titular-colecao/carlos-drummond-de-andrade/.

1.2 A leitura como produção de sentido e análise das crônicas

No EF-AF, após as aulas introdutórias, o trabalho com a leitura e a análise das crônicas foi efetivado com as duas turmas participantes da pesquisa em conjunto — 9º A e 9º B — sob a permissão do professor do 9º A. Como textos iniciais foram utilizados um poema e uma crônica: "A morte do leiteiro", de *Carlos Drummond de Andrade*, e "Notícia de jornal", de *Fernando Sabino*. Ao apresentá-los para discorrer sobre as características da *crônica*, expliquei que o texto de CDA, embora fosse um poema, caracterizado pelos versos, compunha uma perceptível narrativa que se desenrolava ao longo do texto, expondo os fatos ocorridos.

Por outro lado, em "Notícia de jornal", havia o texto narrativo propriamente dito. Com base nesse dado, expliquei algumas das outras características da crônica: a linguagem coloquial, os fatos do cotidiano e o lirismo, por exemplo. Assim, fiz a primeira leitura e, logo após, perguntei quem se habilitaria a ler novamente os textos, o que ocorreu com mais espontaneidade em relação a outros momentos em que solicitei lessem em voz alta. Feito isso, como mediador, fui questionando sobre o que poderia ser dito a respeito dos textos, iniciando, então, o trabalho de discussão e exploração textual.

Para começar, iniciou-se a leitura dos textos por quem havia se voluntariado a lê-los — alguns alunos haviam se disposto a isso. Logo após, propus que eu leria e que, enquanto eu fosse lendo, de forma interativa, pudéssemos debater o texto. Tomamos o poema e, logo na primeira estrofe, perguntei como eles entendiam os versos "Há muita sede no país" e, na sequência, "Há no país uma legenda, que ladrão se mata com tiro." No primeiro momento, as duas salas pareceram não entender muito bem minha indagação ou apenas se recusaram a falar. Depois, alguns começaram a se manifestar.

A primeira coisa que comentaram foi sobre "a morte". Eu continuei instigando e questionando se se tratava de morte natural. Eles disseram sobre a "violência" — pois entenderam que se tratava da morte trágica de uma pessoa inocente, um trabalhador. Aproveitando essas falas, perguntei sobre qual seria a sede a respeito da qual CDA dizia que "há muita sede no país". Qual seria essa sede? Apenas de leite? Então surgiu a questão da fome no país. Seguindo com a leitura dos versos, fui comentando e pedindo a colaboração dos alunos a partir das suas observações: sobre o jovem de 21 anos que acorda cedo para trabalhar e alimentar as pessoas com o leite que ele busca longe. Ele precisa sair de madrugada para buscá-lo e depois fazer a sua entrega o mais breve possível, tendo que se esgueirar entre corredores estreitos, que os alunos identificaram como sendo corredores de uma favela — mesmo todos dizendo que jamais haviam estado ou visto (n)um local assim de perto. Nesse momento, aconteceram algumas conversas paralelas, com alguns alunos tecendo comentários sobre onde eles e os colegas moravam (na maioria, em bairros periféricos da cidade). Percebi então que, embora eles não tivessem falado abertamente para a sala, conseguiram associar a leitura à sua realidade, fazendo uma aproximação entre o texto e o que vivenciam, corroborando Iser (1006, p. 48) quando diz: "[...] Em face da arte moderna, assim como de muitas recepções de obras literárias, o leitor não mais pode ser instruído pela interpretação quanto ao sentido do texto, pois ele não existe em uma forma sem contexto."

Prossegui comentando que o leiteiro, ao ter de passar por esses locais apertados, não podia evitar causar barulho e, por conta desses sons que acordaram um morador, acabou sendo morto, confundido com um ladrão.

Esse trabalho interpretativo foi, como já dito, realizado entre professor-alunos e alunos-alunos, dentro de um processo dialógico entre sujeitos da

pesquisa e a relação texto-leitor, o que suscitou vários comentários, como sobre a fome, a pobreza, a violência, o desemprego. Do mesmo modo, algumas observações mediadas acerca do lirismo e da estética do texto também foram suscitadas por acreditar que a interação permite nos apropriarmos de novas leituras, novos conhecimentos e informações:

> [...] a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de *assimilação*, mais ou menos criativo, das *palavras do outro* (e não *das palavras da língua*). Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), estão repletos de palavras *dos outros*, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (BAKHTIN, 1997, p. 314-315).

De outro lado, o poder que a leitura literária possui de trazer reflexão e consciência aos seres humanos pode tornar a convivência menos violenta e mais solidária. Sabemos, conforme revela Petit (2008), não ser algo miraculoso, mas é, sem dúvida, uma grande esperança de mudanças em comportamentos, pois

> O espaço íntimo que a leitura descobre, os momentos de compartilhar que ela não raro propicia, não irão reparar o mundo das desigualdades ou da violência — não sejamos ingênuos. Ela não nos tornará mais virtuosos nem subitamente preocupados com os outros. Mas ela contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra. (PETIT, 2008, p. 9-10).

Quadro 2 - “Morte do leiteiro”

MORTE DO LEITEIRO

A Cyro Novaes

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no pais,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma legenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.

Sua lata, suas garrafas,
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.
E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
quando aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil,
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e foge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furtar
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão

neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

Fonte: ANDRADE, C. D de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 21 ed. 2000. p. 108-111.

ERIQUE/9º A — "Acho que a gente num passa fome. Porque tem gente que pega comida no lixo. Eu já vi.".

Quando Erique disse isso, eu comentei com a sala uma cena que presenciei de um homem pegando comida num lixo de um restaurante em um domingo de manhã. E a pessoa, ao perceber que eu a estava vendo, ficou muito constrangida, envergonhada. Perguntei a ele o que ele sentia quando via esse tipo de situação. E ele disse:

ERIQUE/9º A — "Eu sinto pena, mas num posso fazer nada."

GERALDO/9º A — "Mais tem gente que não tá nem aí não, tipo, lá perto de casa tem uns cara que fica na ilhinha da avenida o dia todo bebendo carotim. Depois fica pedindo dinheiro. Aí, eles ganha e num compra comida não, vai bebê mais.".

Perguntei ao Geraldo se ele poderia dizer por que será que essas pessoas começaram ou foram levadas a agirem assim? Ele respondeu que:

GERALDO/9º A — "Sei não, fessor, mais eu acho que muitos num gosta de trabaiá.".

Continuei: — "Mesmo agora, na pandemia, ainda está assim?"

GERALDO/9º A — "Tá pior." (Risos).

KAUÂ/9º A — "Tem uas família lá perto de casa que o povo da igreja que tá levando comida pr'eles."

Uma aluna, retratada neste trabalho como "Aluna B", que não quis participar da pesquisa, mas quis assistir à essa aula, comentou o que se segue.

ALUNA B/9º A — "É verdade memo. Eu tamém já vi umas famía que as pessoa que leva comida pra eles, cesta (básica)."

VICTOR/9º B — "Eu não gosto de vê as pessoa passando fome. Tem muita gente que não tem o que comê."

RAYSSA/9º B — "Minha mãe, toda vez que eu digo que não gosto de comê alguma coisa, ela fala que é pecado, porque tem muita gente que não tem nada pra comê."

JOZIEL/9º B — "Qué vê gente cum fome é lá no Brejim[1]. Agora tá pior (período da Pandemia da Covid-19). Inda bem que tem gente que ajuda. Até aqui a escola, né, fessor?!

[A fala de Joziel diz respeito às cestas básicas que, durante o período das aulas não presenciais, a escola distribuía para as famílias dos alunos matriculados por intermédio do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar)[2] em parceria com o município].

Depois disso, as discussões recaíram nos versos que dizem "Há no país uma legenda/ que ladrão se mata com tiro". No início, algumas conversas aconteceram ao mesmo tempo, não sendo possível identificar e separar a fala dos alunos. No geral, todos comentaram serem contra a violência e, em determinado ponto, eu perguntei sobre a posse de arma pela sociedade: qual era o posicionamento deles? Como enxergavam isso? Notei que alguns eram a favor e outros, contra. Também comentei dando a minha opinião contra a posse de arma por civis por acreditar que é um fato que torna, naturalmente, a sociedade mais

[1] Localidade abaixo da escola-campo, composta por alguns setores mais carentes da cidade e onde a maioria dos alunos é moradora. Também é um local conhecido da população pelos vários registros e notícias de pobreza e violência.

[2] A Alimentação Escolar é responsabilidade do governo federal mediante o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) com a contrapartida do município. No período da pandemia, como as aulas presenciais não estavam ocorrendo, o governo federal continuou a fazer o repasse dos recursos. Sendo assim, houve uma normativa autorizando as prefeituras a destinarem a alimentação dos alunos em forma de "kits escolares", ou seja, a gastar o recurso do PNAE. No entanto, o recurso federal era insuficiente e, assim como Inhumas, muitas prefeituras precisaram fazer uma compensação muito maior para fornecer alimento a todos os alunos matriculados na rede municipal, o que foi chamado de "Kit Alimentação".

violenta. Então perguntei se esses versos poderiam ser relacionados com uma frase que se tornou recorrente no Brasil nos últimos anos que diz: "Bandido bom é bandido morto". Então perguntei se eles concordavam com esses dizeres. As respostas em "sim" foram a maioria.

ALUNO A/9º A — "É claro! Se o cara roubá, matá, ele tem mais é que morrê memo."

ERIQUE/9º A — "Mais tem uns crime que sou a favor que mate o bandido, professor. Tipo estupro."

GERALDO/9º A — "Esses tem qui morrê tudo."

Então eu questionei. E se essa pessoa que comete crimes for o seu pai, sua mãe, irmão, ainda assim acreditam que deve morrer? Os alunos não responderam. Mas me perguntaram: e se acontecesse de um crime acometido contra mim ou alguém da minha família? Esse momento foi complicado, pois, como ser humano, entendo que podem acontecer situações na vida em que não podemos afirmar, antecipadamente, qual seria a nossa reação. Tentei explicar que eu sou contra a violência, que não podemos fazer justiça com as mãos, pois existem órgãos responsáveis pela ordem e a justiça. Também disse que, embora não funcionem como deveriam, eles existem para nos proteger e julgar aqueles ou aquelas que cometem crimes violentos. Mas eu mesmo — disse a eles — não saberia dizer de fato como eu reagiria diante de uma situação em que eu ou minha família fôssemos vítimas.

ISLAYFERSON/9º B — "Tem que matá tudo. Se entrá alguém lá em casa, eu meto a faca no bucho!"

Depois dessa fala do Islayferson, alguns alunos riram e eu perguntei para ele se isso seria uma boa solução e se, agindo assim, ele não se tornaria um criminoso também.

ISLAYFERSON/9º B — "Tô nem aí, fessor. Se o cara vai lá e faz maldade com a minha irmã, com a minha mãe? Meto a faca mesmo. Eu não sou bandido, só tô defendendo a minha família."

RAYSSA/9º B — "As pessoas, hoje em dia, vive tudo istressada. Qualquer coisinha já qué brigá, matá, sabe? Não resolve nada conversando. Eu num acho que tem que sê assim, não."

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Professor, o homem matô o leiteiro porque hoje em dia as pessoas matam de medo."

Após esse comentário eu questionei indagando se não seria melhor que a população não tivesse tanto acesso às armas, que houvesse critério rígido para a obtenção de vários tipos de armamentos ou uma cultura popular que preconizasse a paz, ao invés de pessoas que estimulam o contrário. Podemos imaginar que se o homem estivesse desarmado, mesmo com medo, a possibilidade de ele matar o rapaz seria mínima?

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Sim, professor, mas, hoje em dia, qualquer um tem arma. Até uns muleque que ficam lá pracinha que eu jogo bola."

Continuando, eu perguntei ao Pedro, estendendo a questão para todos na sala: —"Como mudar essa situação? O que deveria ser feito para mudar essa realidade?"

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Não sei, professor".

KAIQUE/9º B — "Ô Pedro, ontem mesmo eles tava tudo lá."

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Quase não tô podendo ir lá. Mas si eu ver, eu vazo na hora."

JOZIEL/9º B — "Mais, quase todo dia, um é morto."

— "E o papel da educação nesse contexto? Poderia trazer alguma contribuição?"

JOZIEL/9º B — "Tem um monte que já estudou aqui, professor. Adiantô nada. Uns até já morreu."

Esse comentário do Joziel, embora verdadeiro e triste, serviu para que eu ressaltasse, em consonância com o que expõe Candido (2004), que, ainda, a arma mais poderosa que podemos ter contra a desigualdade, contra as injustiças, enfim, contra as mazelas da sociedade é a educação e que, dentro desse contexto, a literatura contribui profundamente para a formação do homem mais humanizado, crítico e participativo do contexto que está inserido. E mais, ao expor as questões e condições humanas, a literatura permite reflexões sobre a vida e como torná-la melhor para nós e para os outros.

> Nestes casos, a literatura satisfaz, em outro nível, a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a *literatura social*, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades. (CANDIDO, 2004, p. 180, grifos do autor).

Emitir minhas opiniões dentro das discussões suscitadas após a leitura do texto foi uma forma de estabelecer o diálogo de acordo com a minha maneira de enxergar determinados assuntos. Sendo o mais sincero que pude diante de alguns depoimentos de alunos mais tendentes à violência, busquei fazê-los refletirem, pensarem esse tema sobre outros aspectos mais humanos e éticos. Ou seja, não poderia omitir o meu pensamento, pois, conforme orienta Freire (1996):

> Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho. (FREIRE, 1996, p. 38).

Em seguida, retomamos o mesmo processo para a leitura do texto "Notícia de jornal" e eles perceberam alguns temas que poderiam estar relacionados nos dois textos, como a questão da fome e da violência social pelo descaso, inércia das pessoas e das instituições. No entanto, eles pouco se expressaram sobre a crônica.

Quadro 3 - "Notícia de Jornal"

NOTÍCIA DE JORNAL

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, trinta anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante setenta e duas horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos de comerciantes, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome.

Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Médico Legal sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome. Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa — não é homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é de alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser da minha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, um homem morreu de fome.

Morreu de fome.

Fonte: SABINO, F. *As melhores crônicas de Fernando Sabino*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008, p. 46-47.

RAYSSA/9º B — "Tadinho do homem, fessor, ninguém ajudou."

KAIQUE/9º B — "Isso foi verdade, fessor?"

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Se fosse aqui, as pessoas ajudavam."

Eu comentei que, considerando o contexto dos autores, que é o das grandes cidades, o Rio de Janeiro, os dois textos podem ter relatado verdades ou não. Falei que Fernando Sabino diz na crônica que leu a estória em uma notícia de jornal e o homem morreu numa das ruas mais movimentadas do centro do Rio de Janeiro. E que CDA não faz essa referência em seu texto, mas, se considerarmos o cenário das favelas e o longo tempo em que ele morou na capital carioca, também o que contou poderia ter acontecido. Ressaltei que os textos demonstram características da crônica e da habilidade do cronista em, a partir de fatos do cotidiano, transformar o real em ficção ou não, mas, mediante as palavras escolhi-

das, trazer o leitor para uma conversa que o faça refletir sobre a vida no dia a dia. Então perguntei se, considerando esteticamente, ou seja, como eles compuseram os textos, a forma como os escreveram, se eles perceberam algo poético ou que lhes tivesse chamado a atenção.

MARIA VITÓRIA/9º B — "Quando ele fala da garrafa quebrada."

— "Sim?" perguntei.

MARIA VITÓRIA/9º B — "Na morte do leiteiro,"

MARIA VITÓRIA/9º B — "Parece uma cena romântica." (Risos).

Pedi que voltássemos ao texto: relemos a última estrofe e os motivei a falar sobre a cena.

RAYSSA/9º B — "A garrafa quebra, o leite mistura com o sangue. Ele fala, tipo, como se fosse duas pessoas se amando." (Risos).

— "Sim, e o que acontece com essa união?" perguntei.

Como não responderam, eu disse: — "Se o leite é branco e se uniu ao sangue vermelho, Drummond disse que formou um novo tom. Qual seria?"

MARIA VITÓRIA/9º B — "Rosa."

— "E por que ele o chama de aurora?"

RAYSSA/9º B — "O que é aurora?"

— "O amanhecer", respondi.

Como ninguém mais quis comentar, eu argumentei que a leitura que eu faço, a partir desses versos, é a de um momento trágico que procura se revelar, poeticamente, pela suavidade da cor rosa e da beleza do amanhecer.

Para as aulas na EJA no 5º e 6º Semestres, também uni as duas salas, segui o mesmo plano do EF-AF e, após as estratégias de leitura, alguns pontos interessantes foram expressos pelos discentes. No que se refere ao poema de CDA, a questão mais comentada se deu em relação à morte trágica do leiteiro.

DANIEL/6º SEM — "Professor, hoje o mundo tá muito violento."

Eu falei que esse poema havia sido escrito em um livro lançado em 1945, portanto, no século XX. Então, perguntei se poderia ser relacionado com fatos e acontecimentos do ano de 2021.

DANIEL/6º SEM — "Tem sim. Direto tem essas notícia de morte."

— "Significa que, há mais de 70 anos, a mesma violência que existia ainda existe?"

DANIEL/6º SEM — "Pelo jeito, mudô, não."

ANNA CLARA/6º SEM — "O povo hoje tá matando por causa de déis real."

Concordei, disse que infelizmente tem sido assim. Pedi que pensássemos de acordo com o poema, que se tratava da lamentável morte de um inocente. E questionei o que teria levado a esse tipo de assassinato.

Como nenhum deles respondeu, pedi que voltássemos ao texto. E li algumas estrofes em que eles pudessem encontrar alguma resposta.

DANIEL/6º SEM — "O homi assustou, pensou que era ladrão."

FELIPE/6º SEM — "Ah, mais cê tá lá dormindo e acorda com barulho na porta da sua casa, a gente só pensa o ruim, né, fessor?"

— "Isso serve de justificativa?" perguntei.

FELIPE/6º SEM — "Não, mais é o susto, né?"

Perguntei então que, acaso o homem não tivesse arma, se o assassinato teria acontecido. Ele respondeu que não. Então aproveitei para falarmos sobre o fato de pessoas comuns terem ou portarem armas.

FELIPE/6º SEM — "Pra mim, é bom ter pra proteção."

DANIEL/6º SEM — "Eu já possuí arma, mais num quero mais, não. Dá problema."

ANNA CLARA/6º SEM — "Todo mundo que tem arma fica mais metido, acha que tem poder, que é mais que todo mundo."

ANNA CLARA/6º SEM — "O homem matou o rapaz que tava trabalhando. Covardia."

GUSTAVO/5º SEM — "Se alguém quer ter arma eu até concordo. Mas num pode ser qualquer um. Tem que ter motivo e treinar pra poder mexer com isso. Porque o povo num tem treinamento e qué andá armado."

GUSTAVO/5º SEM — "Qualquer um que quisé tê arma tem. Por isso que toda hora a gente vê istória de cabôco que morreu ou matô."

Diante do relato de Gustavo, perguntei para ele como a questão do armamento ilegal da população poderia ser resolvida.

GUSTAVO/5º SEM — "Acho que com lei, né?"

Continuei conversando com ele e lhe disse que leis já existem, embora não sejam cumpridas ou aplicadas como deveriam ser. E também que muitas pessoas, inclusive o presidente da República, são incentivadoras de que a população se arme. Então perguntei a ele sobre as leis de porte e posse de arma: se fossem de fato respeitadas, se não houvesse facilitação para que as pessoas ad-

quirissem armas, o Brasil, que tem um alto índice de mortes por arma de fogo, teria esse número reduzido? O problema da violência deixaria de existir?

GUSTAVO/5º SEM — "Eu acho que não. porque o povo tá cada dia mais estressado. Mata facim. Qualquer discussãozinha já é motivo pra trocá tiro."

Então perguntei se ele não acreditava que a vida humana estava sendo menos valorizada, banalizada. Que uma pessoa tirar a vida de outra está se tornando algo normal na sociedade. Ele concordou. E então eu perguntei sobre o que poderia ser feito para mudar esse cenário. Se ele via na educação um fator importante que pudesse conscientizar a população a ser mais pacífica.

GUSTAVO/5º SEM — "Só se acabasse com os bandidos, né?!"

Após ele dizer isso, eu mencionei se ele não acreditava que o fato de existir tantos criminosos no país não seria também pela desigualdade social que há, em que a maioria é pobre e uma minoria é rica, o que gera falta de oportunidades para milhares de famílias. Disse ainda que, se a riqueza está concentrada na mão de poucos e apenas esse pequeno grupo tem acesso aos bens a que todos nós deveríamos ter direito, como moradia, trabalho, salário apropriado, lazer e cultura, por exemplo, isto não seria mais justo?

GUSTAVO 5º SEM — "Pode ser, mas também tem muito cara que é safado mesmo. Não gosta di trabalhá, só de viver na malandragem".

Perguntei: — "E a educação? Esta não poderia ser uma forma de permitir que, tornando o povo instruído, pudesse ser capaz de reduzir as desigualdades?"

GUSTAVO/5º SEM — "Mais o povo não gosta de estudar. Olha, pro senhor vê: a Laura[3] mora aqui pertinho, num faiz nada, que eu sei. Quase não vem na escola. Como é que faiz? Eu estudava no militar lá em Anápolis. Repeti duas vezes a sétima. Não é porque eu num dava conta não, é porque eu num dedicava. Num é igual aqui que os professor ajuda. Lá era puxado, mas, se eu tivesse dado mais valor, eu já tava no ensino médio".

Quando o texto em foco foi "Notícia de jornal", os alunos e alunas foram mais espontâneos em seus comentários. Praticamente falaram sobre a questão da fome. O processo de mediação foi importante para que outros temas acerca da forma e do conteúdo também fossem comentados.

[3] Aluna participante da pesquisa, mas infrequente e, nas poucas vezes presente, raramente se expressava de forma oral.

DANIEL/6º SEM — "Professor, isso aconteceu mesmo?"

Diante da pergunta do Daniel, eu respondi que poderia ou não ter acontecido. Utilizando o mesmo argumento para os alunos do EF-AF, disse que CDA e Fernando Sabino, além de viverem muito tempo no Rio de Janeiro, sempre escreviam acerca da atmosfera da vida carioca. Além disso, tem a questão dos escritores na criação de seus textos, que podem se basear em fatos reais, mas que os transformam para enfatizar determinada mensagem que queiram passar aos seus leitores. Da mesma forma, eles têm a liberdade de criar livremente, inventar e reinventar determinadas situações ou assuntos. E é a forma como eles trabalham com as palavras esteticamente, isto é, como as utilizam, que se produzem os efeitos que mexem com as emoções e causam sensações e sentimentos nos leitores. Assim, se a crônica é um gênero que sempre esteve presente nos jornais, que abarca fatos do cotidiano, é possível que essa morte por inanição possa ter ocorrido e sido noticiada nos jornais da época.

JANAÍNA/6º SEM — "Ninguém ajudô? Até o hômi morrê? Maldade."

ANNA CLARA/6º SEM — "Professor, por que ele repete tanto que o homem morreu de fome? Já tive professor que falô que a gente num deve ficar repetindo a mesma palavra quando vai escrever."

Esse questionamento da Anna foi ratificado pelos discentes Janaína e Felipe. Respondi a eles que essa é uma figura de linguagem muito utilizada nos textos literários, que é chamada de anáfora e tem a função de fixar uma ideia ou pensamento, no caso, enfatizar a morte de um homem por falta de comida. Portanto, é diferente quando repetimos muito uma mesma palavra ou expressão em textos quando não temos essa intenção de chamar a atenção do leitor para que ele perceba a mensagem que procuramos enfatizar.

FELIPE/6º SEM — "Mais é difícil de acreditar, né, fessor? Tanto de gente passando e o cara não ganhar nem uma marmita?"

GUSTAVO/5º SEM — "Cidade grande num é igual aqui, não. Eu vi quando fui na praia: ninguém tá nem aí pros'otro."

Depois desse comentário, eu questionei se eles também não viam na crônica a representação de uma triste realidade que vemos nos dias de hoje — de pessoas que não têm o que comer —, e se, além disso, não havia uma crítica sobre comportamentos humanos.

JANAÍNA/6º SEM — "Uai, ninguém ajudô."

FELIPE/6º SEM — "Fala aqui que o povo tava era com nojo."

— "Só isso?" perguntei.

FELIPE/6º SEM — "Não, tinha uns com pena dele."

— "Mas ajudaram?"

FELIPE/6º SEM — "Tamém não."

ANNA CLARA/6º SEM — "Nem a polícia ajudou."

— "Sim, e o que mais?"

ANNA CLARA/6º SEM — "Ficaram jogando um pro outro quem ia levá ele, e o IML que levô. Aí já não adiantava mais."

Esse primeiro contato para analisarmos e discutirmos os textos citados foi uma experiência satisfatória, considerando que, nas primeiras aulas, notei uma grande dispersão na maioria dos estudantes, principalmente na sala do 9º A do EF-AF. Alguns demonstraram certa rebeldia e outros revelaram que só estavam comparecendo às aulas porque os pais deles os estavam obrigando. Mesmo precisando lidar com essas situações, de certa forma me senti mais motivado a tentar, por intermédio das leituras e discussões das crônicas, a possibilidade de criar um ambiente em que as reações de indisciplina, teimosia e resistência diminuíssem. Até por acreditar que a leitura "[...] pode ser uma espécie de atalho que conduz de uma intimidade rebelde à cidadania." (PETIT, 2008, p. 214).

Ao término do trabalho com os textos, o meu objetivo foi o de apresentar o gênero textual crônica. Sendo assim, as aulas que se sucederam tiveram especificamente como textos para estudo as crônicas de CDA. No entanto, considerando todas as salas em que textos foram lidos e comentados e mediados, a recepção foi importante visto que "[...] é só na leitura que os textos se tornam efetivos [...]". (ISER, 1996, p. 48).

Diante disso, também esclareço que, nas aulas que se seguiram, não foi possível unificar as duas salas do EF-AF, nem as duas da EJA como anteriormente ocorrera. No entanto, descreverei os relatos depois de cada atividade. Dito isto, passo a discorrer como as aulas foram desenvolvidas e a relatar as experiências observadas junto aos alunos e alunas.

1.3 Análise da crônica "Da utilidade dos animais"

O primeiro texto apresentado aos alunos foi "Da utilidade dos animais". Para essas aulas, antes de executar a leitura da crônica em si, foi exibido um vídeo adaptado cujo título também era "Da utilidade dos animais"[4], produzido por *BVV Produções* e *Quadro a Quadro*. Como este vídeo traz praticamente toda a narrativa encenada e ambientada, minha intenção foi a de que pudesse funcionar como um instrumento para alimentar a criação de imagens, permitindo uma leitura crítica a partir delas também, e, em assim sendo, poder apurar a construção de sentidos. O vídeo me pareceu de grande valia para o trabalho com a crônica e também porque, segundo Moran (1993), o recurso motivacional pode ser

> [...] sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Nos atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinética, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (MORAN, 1993, p.2).

Quadro 4 - "Da utilidade dos animais"

Da utilidade dos animais

Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e além disso são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

— Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

— Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pelo se fazem perucas bacanas. E a carne, dizem que é gostosa.

[4] https://www.youtube.com/watch?v=zMwveNtKu7o&t=62s

— Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?

— Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.

— Ele faz pincel, professora?

— Quem, o texugo? Não, só fornece o pelo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.

Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:

— Bolsas, mala, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando da carne. Canguru é utilíssimo.

— Vivo, fessora?

— A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou por outra, com o pelo dela nós preparamos ponchos, mantas, cobertores, etc.

— Depois a gente come a vicunha, né, fessora?

— Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha, que torna a crescer...

— A gente torna a cortar? Ela não tem sossego, tadinha.

— Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?

— A carne também é listrada? — pergunta que desencadeia riso geral.

— Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disto. Ah, o pinguim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento — não sabem o que é? O cocô do pinguim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito da gordura do pinguim...

— A senhora disse que a gente deve respeitar.

— Claro. Mas o óleo é bom.

— Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa.

— Pois lucra. O pelo dá escovas é de ótima qualidade.

— E o castor?

— Pois quando voltar a moda do chapéu para os homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar de um bom exemplo.

— Eu, hem?

— Dos chifres do rinoceronte, Bela, você pode encomendar um vaso raro para o *living* da sua casa. Do couro da girafa Luís Gabriel pode tirar um escudo de verdade,

deixando os pelos da cauda para Tereza fazer um bracelete genial. A tartaruga-marinha, meu Deus, é de uma utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia. O casco serve para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa. O biguá é engraçado.

— Engraçado, como?

— Apanha peixe pra gente.

— Apanha e entrega, professora?

— Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe, mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

— Bobo que ele é.

— Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

— Entendi, a gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pelo, o couro e os ossos.

Fonte: ANDRADE, C. D. de. *De notícias & não notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975. (p. 106-107).

Durante a exibição do vídeo, a maioria dos alunos, em todas as turmas selecionadas, teve uma boa assistência, mesmo não levando em conta os vários momentos em que revezavam entre assistir ao filme e usar o aparelho celular. Ao final do curta, pedi que eles comentassem sobre as impressões que obtiveram em relação à estória apresentada e, para estimulá-los, fiz alguns questionamentos sobre o teor da aula apresentada no vídeo: como eles perceberam os alunos representados no texto e a relação deles com a professora.

ERIQUE/9º A — "A aula é sobre os animais e como eles são importantes pra nós."

KAUÃ/9º A — "Tem uns animal lá que nunca ouvi falá."

RAYSSA/9º B — "Eu entendi que a professora explicô um monte de utilidade que os animais têm."

— 'Sim, mas é só isso?'

Após esses comentários perguntei a eles como eles perceberam as explicações da professora sobre os animais que ela ia apresentando aos alunos. E qual era a reação dos alunos: se eles a questionavam ou simplesmente acatavam as falas dela.

ERIQUE/9º A — "Ela explicô como aqueles animais eram importantes pro homem. Alguns alunos fizeram perguntas, mais eu num lembro.

Diante da fala dos discentes, em todas as salas eu fiz alguns apontamentos sobre questões presentes no vídeo e que são perceptíveis na crônica por se tratar de uma produção cujo enredo é praticamente o mesmo. Então pedi que observassem, durante a leitura, a fala da professora sobre os animais em relação a serem úteis ao homem uma vez que ela sempre ressalta que devemos amar os animais. Dito isso, passamos para a leitura da crônica. Primeiramente pedi que eles a lessem de forma silenciosa. Depois, li todo o texto em voz alta e, em uma terceira leitura, distribuí os alunos entre narrador e personagens. Como podem ser identificadas as falas de seis personagens e do narrador, no 9 B as falas puderam ser distribuídas normalmente. Já no 9º A e nas salas da EJA, porque tinham menos alunos, definiu-se um narrador e as outras falas foram divididas. Ao término das leituras, solicitei que eles se manifestassem sobre o que haviam compreendido. Eles não responderam e eu continuei a questioná-los da seguinte forma: se eles encontravam alguma incoerência na fala da professora, se havia humor ou ironia, qual a possível crítica que marcava o texto.

ERIQUE/9º A — "Humor aqui eu vejo quando fala lá do 'cocô do pinguim'. Hããã... da carne da zebra também: 'listrada'". (Risos).

— "A professora demonstra ter realmente conhecimento sobre as informações que dá a respeito dos animais?"

ERIQUE/9º A — "Acho que não, professor."

Pergunto o porquê.

ERIQUE/9º A — "Uai, quando ela fala do iaque, da carne, ela fala 'dizem que é gostosa'. Então, ela não tem certeza."

ERIQUE/9º A — "Eu vejo, fessor, que a professora fala sobre muitos animais que serve pro homem, tipo assim: dá a carne, o couro. Mas, pra isso, precisa matá eles, né?! Daí ela é incoerente porque ela fala que a gente tem que amá e respeitá! Mais como? Matano eles?"

Eu digo que realmente é uma incoerência. E questiono se podemos perceber, ao fazer essa representação, qual ou quais críticas há no texto de CDA. Erique fica pensativo e hesita. Então eu digo para que pense na atitude da professora revelando atitudes humanas.

ERIQUE/9º A — “Seria então sobre, tipo, o meio ambiente? Assim, se ela fala que tem qui matá os animais pra servir o homem, então num é verdade. Tem gente que não come carne de animal.”

ERIQUE/9º A — “Ah, carne de zebra? Tartaruga, a gente mesmo num precisa comer essas carne. Então é purque tem maldade do homem de matá esses bicho, né?”

No 9º B, logo após a leitura, os alunos nada disseram. Eu pedi que eles se atentassem para as falas da professora, se ela realmente conhecia bem acerca dos animais que ela expunha, se havia incoerência. Fui questionando-os sobre o fato de a professora dizer que os animais precisam ser amados e respeitados. Observei os animais que ela havia citado e que nem fazem parte da fauna brasileira, como o texugo, a girafa, o iaque, o pinguim, o rinoceronte, por exemplo, e que ela disse serem de muita utilidade para nós.

VICTOR/9º B — “O iaque serve pra montaria...”

— “Isso e o que mais?”, pergunto.

KAIQUE/9º B — “O pinguim tamém... o óleo...”

VICTOR/9º B — “O pelo do texugo, do iaque...”

Questiono o que é preciso para extrair o pelo, o óleo, o couro desses animais.

PEDRO HENRIQUE/9º B — “O pelo não mata, mais o resto tudo tem que matá.”

Pergunto pelo texugo. VICTOR/9º B — “Mais, tipo assim, eu acho que ela fala ni amá os animais, tipo assim, amá pelo que eles faz.”

— “Pelo que eles são úteis para nós?” pergunto.

VICTOR/9º B — “Num é só purisso, tipo assim, si num fosse o boi, nóis num ia comê carne.”

Respondo que sim, mas existem atividades econômicas que criam, produzem e fornecem esse tipo de alimentação, como as produções pecuárias, pisciculturas, aviárias e outras e que têm lucro com isso.

Novamente perguntei se eles perceberam incoerência na fala da professora.

KAIQUE/9º B — “Incoerência?”

RAYSSA/9º B — “Eu nem sei o que é incoerência, professor!” (Alunos riem).

Explico à Rayssa que é possível haver incoerência quando duas ou mais falas ou ações não têm lógica, se contrapõem, ou seja, mantêm ideias que não se relacionam.

Então, pedi que retornássemos ao texto.

RAYSSA/9º B — "De novo, professor?"

Eu digo que sim, pois a pesquisa é sobre leitura. Então retorno lendo e pontuando alguns trechos.

RAYSSA/9º B — "Daqui a poco a gente vai tá sabendo tudinho desse texto!"

Digo que é essa a minha intenção. Acrescento que não entendo, pois, quando pergunto algo, dizem que não respondem ou que não entenderam.

RAYSSA/9º B — "Mais aí o senhor explica e a gente entendi."

Eu digo que essa é minha função e também a da escola, que intenta formar leitores, criar possibilidades, e que eu, como professor, procuro dar caminhos que possam colaborar para que os alunos percebam, nas minúcias dos textos, os elementos que irão ajudá-los a produzirem sentidos e a se encantarem, cada vez mais, com a leitura. E, a partir disso, que desenvolvam o gosto e façam disso uma prática, o que vai torná-los mais confiantes e independentes no espaço que ocupam na sociedade E que eu faço assim por acreditar que

> Para tornar os alunos bons leitores, para desenvolver o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois esse é um aprendizado que requer esforço. Precisará fazê-los achar que ler é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará a eles autonomia e independência. (PRADO, 1999, p. 84)

VICTOR/9º B — "Fessor, a professora num responde o que o aluno pergunta, igual aqui (lê o texto)": 'Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru...'.

VICTOR/9º B — "Ela não deixa o menino acaba de falá nem explica direito."

KAIQUE/9º B — "Igual aqui. Muitos professores aqui num explica nada, só passa tarefa".

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Professor, a professora fala que a gente deve amar os animais, mas todos os exemplo que ela dá tem que matá eles pra usá o couro, comê a carne". (Risos).

— "Isso é uma incoerência", eu digo e pergunto à Rayssa se ela percebeu isso.

KAIQUE/9º B — "Que bicho é esse? (texugo)."

Explico que é um animal que não faz parte da fauna brasileira.

KAIQUE/9º B — "Então também é incoerência, tirá os pelo dele pra fazê pincel."

PEDRO HENRIQUE/9º B — "O texto todo então, professor, a professora é incoerente. Pra tudo que ela fala precisa matá os animais."

RAYSSA/9º B — "Então minha mãe é incoerente: ela fala que mi ama, mais que qué mi matá." (Risos).

Assim como na crônica, desencadeiam-se risos em toda a sala. Foi um momento muito descontraído. O que ocorreu depois foi a fala de todos ao mesmo tempo. Quando pedi que falasse um de cada vez e apontasse as críticas que CDA tecia no texto, ainda aconteceram algumas observações.

PEDRO HENRIQUE/9º B — "A crítica então está na professora, porque ela é incoerente. E tamém não explica nada."

Pergunto como ele chegou a essa conclusão.

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Purque o aluno, na última linha aqui (pega o texto), fala que a gente tem que amá, comê, pelá (risos), usá o côro, o osso."

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Professor, agora eu entendi: a crítica é na professora, porque ela fala que a gente tem que respeitá e amá, mais pra fazê isso com os exemplo que ela dá, precisa de matá os animais. A ironia é essa no final, que o aluno repete isso. Foi o que ele entendeu por causa das explicações da professora. É mais ou menos isso?"

Sim, eu respondo e acrescento: — "Ao mesmo tempo, poderíamos ampliar essa crítica ao principal causador de tudo o que a professora disse?"

VICTOR/9º B — "O home, fessor. Ele é que distrói a natureza e os bicho."

PEDRO HENRIQUE/9º B — "Verdade. Aqui o povo mata tamém um monte de bicho que a gente não precisa pra comê, tipo tatu, capivara."

KAIQUE/9º B — "Tem as pelota[5], que é gostosa". (Risos).

[5] Espécie de almôndega feita com carne de capivara e toucinho.

Mas então eu digo que, para fazer "pelotas", precisa colocar toucinho e indago: — "Será que a carne da capivara é tão boa mesmo?" O sinal toca e essa aula termina num clima bem descontraído.

Nas salas da EJA, após assistirem ao vídeo.

GUSTAVO/5º SEM — "É uma aula na zona rural, que a professora tá ensinando sobre animais."

Após esse comentário do aluno Gustavo eu quis saber como ele percebeu a atuação da professora ao explicar sobre os animais. E também como os alunos reagiram aos ensinamentos dela.

GUSTAVO/5º SEM — "Eu acho que ela tinha que falá era de animais que têm na roça, purque seria mais fácil os aluno intendê."

Eu concordei em que, se ela falasse de animais que fazem parte do contexto deles, que eles poderiam participar mais com ideias e exemplos. Mas questionei se não poderia falar dos animais conhecidos e dos desconhecidos também.

GUSTAVO/5º SEM — "Sim, professor, mas ali ela fala um monte que nem eu conheço. Pra'quelas crianças lá, então, que vai sê mais difícil de intendê."

Falei sobre a questão dos animais em extinção. Ele contou sobre um documentário a que havia assistido e que o impressionara bastante.

GUSTAVO/5º SEM — "Em um certo lugar lá, o povo andou matando os golfim tudinho. Lá no vídeo, mostra eles lá tudo morto, com corte no pescoço. Uma fileira assim (faz gestos com as mãos). Sabe aquela praia que a gente vai naquele retão assim? Tudo lotada de golfim morto na areia".

ANNA CLARA/6º SEM — "A professora explica que cada animal tem um propósito."

Perguntei se eles concordavam. Na sala, apenas a aluna Anna Clara e o aluno Daniel.

ANNA CLARA/6º SEM — "Sim."

— "Na fala há coerência? A professora tem razão?"

ANNA CLARA/6º SEM — "Mais ou menos."

— "Mais ou menos por quê?"

ANNA CLARA/6º SEM — "Porque algumas coisas que ela fala não são verdade."

— "Por que você afirma que algumas coisas não são verdade?"

ANNA CLARA/6º SEM — "Não são, porque a gente não precisa dos animais pra sobreviver, tipo...eu tô falando da carne deles. Porque existe veganos e tal, que vivem sem nada dos animais, entendeu? Porque eu acho que da forma que ela falô da carne sê deliciosa pros aluno faiz como, tipo assim, por eles sê pequeno, eles crescê pensano assim: 'ah, todos animais eu tenho que matá e comê!' É isso".

Eu agradeci o comentário da Anna e perguntei ao Daniel se ele queria dizer algo. Ele disse que não e então passamos para a leitura da crônica. Mas a aula terminou e não foi possível iniciar as discussões. Na aula seguinte, apenas os alunos Felipe e Daniel. A leitura foi retomada e, após realizada por mim e por eles, pedi que eles falassem das suas percepções.

FELIPE/6º SEM — "Que a professora quis traduzi de uma forma que o aluno, tipo, feiz uma brincadeira com ela, que, tipo, que ele entendeu. Só que ele, acho que ele quis só tirá, tipo, uma brincadeirinha com ela, porque o jeito que ela demonstrô parecia que era aquilo qui ele tinha que entendê."

— "Mas o aluno não disse aquilo o que a professora explicou?" perguntei.

FELIPE/6º SEM — "Sim, só que aí, ela quis dizê dessa forma mesmo. Só que ela num queria que a gente deve fazê isso toda vez e tal, que a gente temém tem que amá, tem que cuidá, preservá a natureza, não só matá."

FELIPE/6º SEM — "Ela quis dizê qui a gente precisa de pele, de rôpa, mas a gente tem que preservá. Ela quis traduzi desse jeito pro aluno. Ela não quis: ah! gente, vam matá, tem qui cumê. Não, ela quis dizê qui a gente tem que amá os animal, preservá, não matá, e sê um exemplo. Eu acho qui é assim, qui eu informei."

— "E você Daniel?" perguntei.

DANIEL/6º SEM — "Eu entendi mais ou meno isso tamém: ela quis, como se diz, ela quis é... passá uma coisa assim que todo mundo escuta e que... parece que a gente tinha que amá mais os animal."

Perguntei se foi isso mesmo que a professora havia dito.

FELIPE/6º SEM — "Não. Ela tentô traduzi, mas só que eles num pegô, tipo, traduziu dessa forma. Assim essa forma qui ela diz e é essa forma mesmo. Vamu supô uma criança: o que cê falá num tem o raciocínio pra frenti. Eu acho que foi, tipo, indeciso o pensamento, purisso que eles perguntô: ah! a gente deve fazê isso? Matá, pelá e cumê os animais? Entendeu? Ele tá fazeno uma pergunta retórica."

Eu pedi que voltássemos ao texto para observar um pouco mais a crônica. Então falo sobre como, na narrativa, a professora abre um sorriso 'que envolve toda a fauna.' Segui então fazendo essa relação de amor e utilidade: nós amamos, mas para que eles nos sejam úteis, precisamos matá-los. Perguntei, então, se esses animais que ela cita têm mesmo direito à vida.

FELIPE/6º SEM — "Não."

Essa aula se encerrou e retornamos às discussões no próximo encontro. E o que ocorreu foi que percebi que estavam com dificuldade de entender os temas e as questões que CDA expunha na crônica. Então eu retomei a leitura, comentando e procurando demonstrar a eles outras possibilidades de leitura. A crítica de CDA às atitudes humanas em abater animais por ganância, por satisfazer vontades supérfluas. A crítica ao papel do professor, que o aluno, ao final, conseguiu entender de acordo com o que ela discorre em toda a aula. A fala do professor é ouvida e não questionada, e seu discurso está cheio de incoerências. Digo que serve para nós, professores, pensarmos sobre isso, sobre a nossa responsabilidade ao informar os alunos, e também para sabermos ouvi-los. Estabelecer o diálogo é o que a professora da crônica muitas vezes não faz, não respondendo aos questionamentos dos alunos. Ao final dessa nova leitura, Daniel comentou.

DANIEL/6º SEM — "Eu num cunsegui percebê. Daí, eu vi o quanto o senhor é capacitado, assim, em relação a essa crônica. Que fala pra gente do jeito que a gente entende."

Explico ao Daniel que é minha função, mas isso não significa que eu saiba tudo, nem que a minha leitura seja a correta. Ela é apenas uma possibilidade. Por isso, devemos ler sempre procurando nas entrelinhas, encontrando aquilo que não está materializado ali, mas que, a partir da reflexão, pode dar sentido ao texto lido. A aula chegou ao fim e Daniel agradeceu.

DANIEL/6º SEM — "Obrigado, professor! Eu agora vou tentar perceber mais essas coisas. Pra mim é difícil, mais, tipo assim, eu voltei a estudá agora e tô vendo o tanto que é bom tá aqui, agora, aprendendo essas coisa.

As reflexões obtidas após a mediação com a crônica "Da utilidade dos animais" foram positivas, tendo em vista algumas resistências encontradas desde a proposta inicial desta pesquisa. No entanto, considero importante a troca de informações e o estímulo/encorajamento para que os alunos se manifestem, refletindo sobre o texto:

> Se, em certo sentido, existe uma contradição irremediável entre o ensino da literatura na escola e a leitura que fazemos por conta própria, ao menos cabe aos professores fazer com que os alunos tenham uma maior familiaridade, que sintam mais confiança ao se aproximarem dos textos escritos. (PETIT, 2008, p. 216-217).

Ademais, ao final deste trabalho específico de leitura, a interação foi se ampliando e, naturalmente, a aproximação com os alunos e o conhecimento dos contextos deles me permitiram refletir acerca da minha postura e metodologia a respeito de cada momento da aplicação das aulas planejadas. A troca de experiências mostrou que é possível investir e desenvolver atividades de leitura por intermédio da mediação. Ficam perceptíveis a ampliação do pensamento, a elucidação de dúvidas e a compreensão do texto lido de uma forma mais profunda e crítica, ocorrendo dentro de uma relação mútua de aprendizado entre todos os envolvidos, o que reafirma a relevância do papel do professor mediador de leitura, haja vista que

> [...] o papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado; se, da postura professoral lendo para *e/ou pelo* educando, ele passar a ler *com*, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro. (MARTINS, 1988, p. 33, grifos da autora).

Outro fator que ficou evidenciado foram as condições de se constituir uma leitura de caráter literário, favorável ao trabalho. Dentre as muitas características que lhe são atribuídas, é a questão de poder também, mesmo retratando condições humanas rejeitáveis, causar o riso quando se está aprendendo, como afirma Candido (1992).

1.4 Análise da crônica "O PTT"

A segunda crônica de CDA estudada foi "O PTT". Antes de apresentar essa narrativa, apresentei ao discentes um texto adaptado (anexo) que expõe o que havido sido o AI - 2 (Ato Institucional nº 2) já que o texto de CDA é narra-

do dentro desse cenário político da história nacional. Assim efetuei a leitura e fui comentando sobre a ditadura militar e os atos institucionais que fizeram parte desse período. Objetivei, com isso, que essa leitura preliminar favorecesse alguns conhecimentos acerca do contexto histórico e social em que a crônica foi produzida e, dessa forma, que essas informações auxiliassem uma leitura crítica e reflexiva posto que "a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto." (FREIRE, 1989, p. 5).

Quadro 5 - "O PTT"

O PTT

Ao saber que o Ato Institucional nº 2 extinguira os partidos políticos, a proprietária do prédio alugado ao PTT (Partido Tradicionalista Transistorizado) botou as mãos na cabeça: — E agora, José?

Se o partido estava proibido de existir, quem lhe pagaria o aluguel? Um partido tão bom, tão pontual: pagava sempre dia 1º, salvo se caísse em domingo ou feriado; aí, pagava de véspera. Nunca tivera o menor aborrecimento com o inquilino. O próprio tesoureiro vinha trazer o dinheiro no envelope. Educado, de pouca conversa, esperava no corredor; convidado a sentar-se na sala, agradecia: estava bem assim; "Nem cafezinho o senhor aceita?" "Obrigado, acabei de tomar no diretório, aliás preciso voltar logo, estamos em sessão permanente, o momento político é muito melindroso".

D. Melisa não insistia, porém não deixava de renovar o convite todo mês. Simpatizava com o tesoureiro, senhor mais para sessenta anos do que para cinquenta, aliança no dedo, circunspecto, fisionomia de quem guarda altos segredos políticos e não irá revelá-los a troco de gentilezas. De resto, D. Melisa queria lá saber de nenhum segredo nacional, estadual ou municipal. Orgulhava-se, é certo, de ser senhoria de um partido político — e que partido: tradicionalista, como convém à nossa formação cristã; e transistorizado, isto é, moderno, atual. Não a convidaram para inscrever-se nele, nem D. Melisa aceitaria: é dos que votam com a consciência, e a sua lhe recomendava: "Confia nos homens, não nos partidos".

Confiava no tesoureiro, tanto que não exigira contrato de locação. Ele se apresentara com a ata da fundação do partido e com o dinheiro na mão, disposto a pagar seis meses adiantado; ela aceitou três, e no fim do prazo dispensou o pagamento por antecipação. O partido funcionava lá há bem cinco anos, sem dor de cabeça para ela. Agora cerra as portas, vai-se o inquilino ideal. Arranjará outro, mas quem garante que será tão sério quanto esse?

Dia 1º o tesoureiro apareceu na forma do costume, disse-lhe que não se preocupasse. O partido continuaria a ocupar a casa. Como, se o AI-2 acaba com os partidos? — O nosso é diferente — explicou-lhe o tesoureiro. — O ministro da Justiça reconheceu que temos organização especial, por assim dizer apartidária, ou superpartidária; nosso principal objetivo é manter e cultivar as tradições morais, adaptando-as à era tecnológica; a senhora não conhece nossos estatutos, se conhecesse, havia de gostar. — Então continua meu inquilino? — Continuamos; o PTT não pode parar.

D. Melisa ficou tão satisfeita que contou a novidade às amigas. Não era apenas senhoria de um partido, mas do único partido sobrevivente à chacina do AI-2. O único? Uma das amigas contou para o marido, este duvidou: gostaria de saber que partido era esse, onde, como funcionava etc. A dúvida foi transmitida a D. Melisa, que não gostou nada do ceticismo do marido de sua amiga. Ela própria não sabia muito a respeito do PTT, mas, uma vez que duvidavam de sua palavra, iria à sede, pediria os estatutos, era capaz até de inscrever-se, por que não?

Pegou o ônibus para o bairro distante, desceu em frente à sede do PTT. Não tinha tabuleta, porta e janelas estavam fechadas. Tocou longamente a campainha. Ia desistir, pensando em voltar outro dia, quando ouviu sair lá de dentro um fio de musiquinha pré-carnavalesca: "Ui, ui, ui! roubaram a mulher do Rui!". Decerto o zelador ouvia rádio, não escutara a campainha. Bateu com força na porta. Bateu tanto que ela se entreabriu e ia fechar-se rapidamente, mas D. Melisa empurrou-a, enérgica, a tempo de ver o tesoureiro e uma loura, ambos de short, correrem desabaladamente em direção ao quintal, onde se extinguiu para sempre o Partido Tradicionalista Transistorizado.

24-XII-1965

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1970. (p. 51-53)

Após a minha leitura, explanação e comentários, distribuí uma cópia da crônica aos estudantes e pedi que fizessem a leitura silenciosa. Ao terminarem, li primeiramente e, depois, solicitei que alguns alunos a lessem. Feito isso, pedi que comentassem sobre as observações e percepções que eles obtiveram mediante a leitura.

ERIQUE/9º A — "Hãã... que tem um partido político, o cara paga o aluguel, mas, aí, a mulher conta pro marido dela e vai lá e o cara tá..."

GERALDO/9º A — "Ele queria pegá a loirinha."

ERIQUE/9º A — "Num sei... eles tá dançando..."

GERALDO/9º A — "Mais de short?"

VICTOR/9º B — "Entendi que a mulher tava num partido. Depois, ela contou pras amiga dela sobre esse partido."

KAIQUE/9º B — "Eu acho que a mulher que tava enganando."

VICTOR/9º B — "Não, era o tesoureiro."

JOZIEL/9º B — "Fessor, eu acho que a D. Melisa ficou muito feliz com o dinheiro do partido. Porque ele era um cara decente. né, educado, tá lôco (risos). E daí ela rápido, né, já foi contá pras amiga dela. Daí ela foi lá, né, e era 171 esse Partido Tradicionalista Transistorizado."

FELIPE/9º B — "Eu entendi que a D. Melisa fazia parte de uma instituição. Pelo que eu li, ela saiu e entrô de novo. Daí ela contou pras amigas dela e uma dessas amiga dela contou pro marido e ele falou que era mentira. Ela foi lá e ouviu uma musiquinha."

ANNY BEATRIZ/9º B — "As amiga dela era contra o partido dela? Professor, eu fico em dúvida em todo texto."

DANIEL/6º SEMESTRE — "Na minha época, eu lembro da ARENA e do MDB. Eu lembro que tinha político que era cassado. Eu num lembro muito, não. Eu morava no interior, né, professor?"

JANAÍNA/6º SEMESTRE — "E agora aqui fala que a mulher foi lá, né, no homi lá e viu ele lá com uma mulher de shortim. Ela foi lá atrás dele pra vê, né, pra vê se era verdade tudo o que ele falô pra ela. Quando chegou lá, era outra coisa."

Após a primeira leitura, os alunos e alunas começaram a participar, emitindo as suas opiniões e entendimentos acerca do texto lido. Ainda que as interpretações parecessem não muito aprofundadas e também fragmentadas, o processo interativo entre os discentes ficou evidenciado, pois a troca de ideias, nesse primeiro momento, funcionou para que a compreensão do texto fosse sendo moldada, já que "Só se fà1a de *interações entre indivíduos* quando a sua ação social é tão reciprocamente relacionada que ambos, para que possam agir, devem conhecer o conhecimento do outro." (LIMA, 1979, p. 178, grifos do autor). Ainda, a partir do momento em que um aluno começa a falar sobre o seu entendimento, essa ação motiva outros a também se expressarem, surgindo, dessa maneira, opiniões concordantes e discordantes:

> A compreensão do texto (*Textverstehen*) é uma ação que tem por motivo a alteração do próprio conhecimento; o conhecimento de cada sujeito que compreende o texto, acerca do conhecimento de seu

> interlocutor, no processo de comunicação, *é aqui conhecimento relevante para a interpretação*, pois ajuda a converter em experiências os objetos de percepção tematizados no texto. (LIMA, 1979, p. 179, grifos do autor).

Depois das falas dos estudantes, propus uma segunda leitura e pedi que os alunos procurassem relacionar o texto de apoio sobre o AI-2, atentassem para o nome do partido político (PTT), como CDA descreve o tesoureiro e como ele se apresenta no final da crônica. Assim, solicitei que eles pudessem, a partir dessas observações, procurar também identificar algumas das características da crônica, como a ironia, o humor e a crítica. Logo após os discentes realizarem a segunda leitura, novamente pedi que eles se manifestassem e foi interessante que novos comentários e percepções foram relatados. À medida que se pronunciavam, fui atuando como mediador, procurando agir como facilitador para uma melhor apreensão do texto e por acreditar que

> Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis, (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante — o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. (FREIRE, 1987, p. 37).

Durante o momento em que novas discussões e opiniões foram sendo expressas, também houve novos questionamentos sobre o texto, a que eu respondia enquanto ia fazendo apontamentos e esclarecimentos. O aluno Pedro Henrique perguntou o que era "transistorizado" e a relação com o nome do partido. Eu expliquei que era um elemento eletrônico que, na época em que a crônica foi escrita, nos anos de 1960, se tratava de uma inovação tecnológica. Assim, os alunos Pedro Henrique e Joziel fizeram a relação do nome do partido com a atitude do 'tesoureiro do PTT'. Pedro Henrique comentou: "Então o cara inventô o nome do partido pra falá que era evoluído.". Joziel disse que "Eu sabia que ele era 171, fessor. Ele tava de aliança, sério, educado, mas ele tava era traindo a mulher dele.". O aluno Kaique ponderou que "Ou a aliança era só pra disfarçá, num sei...". O detalhe da aliança do personagem, observado pelos alunos, permitiu que eles procedessem a uma leitura nos espaços deixados pelo

autor e onde a imaginação se manifesta, porque "[...] ler nas entrelinhas, a formar uma opinião, a contrastar a informação abordada com a que já se tinha, contribuem para que se aprenda a construir conhecimentos a partir do texto." (SOLÉ, 2014, p. 214).

Aproveitei então para falar aos alunos sobre outras possibilidades de se ler nas entrelinhas e como CDA utiliza a crônica com humor para criticar e retratar o momento que o país atravessava, com um governo militar impondo restrições políticas, visando a manter-se no poder. Da mesma forma, CDA se valia de seu texto para retratar uma condição humana em que a pessoa é capaz de mentir e fingir uma situação para poder realizar interesses pessoais.

A situação comunicacional é de muita valia no processo de ensino: "Diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro que a todo instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo é adequada à leitura que está cumprindo sobre o texto também." (LIMA, 1979, p. 51). Sendo assim, a ação conjunta de interação professor-alunos e alunos-alunos permite que os alunos possam desenvolver uma boa compreensão textual. Isso ficou perceptível em comentários, como o de Anna Beatriz, ao relatar que sentiu dificuldade de compreensão por achar o texto complicado, mas que, com as explicações e discussões, ela compreendeu a relação do AI-2 com o texto. Segundo Anna Beatriz, ela conseguiu perceber que, se só restavam dois partidos depois do ato institucional, o PTT nunca existira. Nas palavras dela: "[...] então esse PTT nunca existiu, professor. Era mentira do tesoureiro pra poder se encontrar com mulher." Isso remete, portanto, ao que expõe Andruetto (2017) ao explanar sobre a dificuldade da leitura literária já que a literatura traz em seu universo a palavra que nem sempre esclarece. Ao contrário, trata do esforço e do enfrentamento que o leitor deve efetivar em relação ao texto, justamente porque suscita dúvidas, incertezas, hesitações e incompreensões, fatores que dificultam o pensar individual. Diante disso, a atividade de leitura mediada pelo professor une elos que contribuem para a compreensão do texto e, dessa forma, certifica que a função mediadora tem relevância vez que "[...] o papel do mediador de leitura é, a todo momento, penso eu, o de construir pontes." (PETIT, 2008, p. 212).

1.5 Análise da crônica "Debaixo da ponte"

A terceira crônica de CDA estudada foi "Debaixo da ponte". Para o trabalho com essa narrativa, apenas passei aos alunos cópia do texto fotocopiado e pedi aos estudantes que fizessem a leitura silenciosa. Quando terminaram, eu fiz a leitura e, ao término, solicitei que que cada aluno lesse um parágrafo. Feito isso, passei a promover debates e discussões para que alunos e alunas pudessem se expressar a partir do entendimento que tiveram sobre essa crônica, que apresenta uma contundente e atual crítica social.

Quadro 6 - "Debaixo da ponte"

Debaixo da Ponte

Moravam debaixo da ponte. Oficialmente, não é lugar onde se more, porém eles moravam. Ninguém lhes cobrava aluguel, imposto predial, taxa de condomínio: a ponte é de todos, na parte de cima; de ninguém, na parte de baixo. Não pagavam conta de luz e gás, porque luz e gás não consumiam. Não reclamavam contra falta d'água, raramente observada por baixo de pontes. Problema de lixo não tinham; podia ser atirado em qualquer parte, embora não conviesse atirá-lo em parte alguma, se dele vinham muitas vezes o vestuário, o alimento, objetos de casa. Viviam debaixo da ponte, podiam dar esse endereço a amigos, recebê-los, fazê-los desfrutar comodidades internas da ponte.

À tarde surgiu precisamente um amigo que morava nem ele mesmo sabia onde, mas certamente morava: nem só a ponte é lugar de moradia para quem não dispõe de outro rancho. Há bancos confortáveis nos jardins, muito disputados; a calçada, um pouco menos propícia; a cavidade na pedra, o mato. Até o ar é uma casa, se soubermos habitá-lo, principalmente o ar da rua. O que morava não se sabe onde vinha visitar os de debaixo da ponte e trazer-lhes uma grande posta de carne.

Nem todos os dias se pega uma posta de carne. Não basta procurá-la; é preciso que ela exista, o que costuma acontecer dentro de certas limitações de espaço e de lei. Aquela vinha até eles, debaixo da ponte, e não estavam sonhando, sentiam a presença física da ponte, o amigo rindo diante deles, a posta bem pegável, comível. Fora encontrada no vazadouro, supermercado para quem sabe frequentá-lo, e aqueles três o sabiam, de longa e olfativa ciência.

Comê-la crua ou sem tempero não teria o mesmo gosto. Um de debaixo da ponte saiu à caça de sal. E havia sal jogado a um canto de rua, dentro da lata. Também o sal existe sob determinadas regras, mas pode tornar-se acessível conforme as circunstâncias. E a lata foi trazida para debaixo da ponte.

Debaixo da ponte os três prepararam comida. Debaixo da ponte a comeram. Não sendo operação diária, cada um saboreava duas vezes: a carne e a sensação de raridade da carne. E iriam aproveitar o resto do dia dormindo (pois não há coisa melhor, depois de um prazer, do que o prazer complementar do esquecimento), quando começaram a sentir dores.

Dores que foram aumentando, mas podiam ser atribuídas ao espanto de alguma parte do organismo de cada um, vendo-se alimentado sem que lhe houvesse chegado notícia prévia de alimento. Dois morreram logo, o terceiro agoniza no hospital. Dizem uns que morreram da carne, dizem outros que do sal, pois era soda cáustica.

Há duas vagas debaixo da ponte.

Fonte: ANDRADE, C. D. de. *Debaixo da ponte*. In: Obra Completa, Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p. 896-897.

Ao iniciar as conversas com os alunos com base na crônica lida, percebi que os sujeitos participantes já se sentiam mais à vontade para comentar o texto. Essa percepção se deu em razão de os alunos se mostrarem mais adaptados com as estratégias de leitura e, já tendo noção das ações de ler e discutir os sentidos obtidos pela leitura, foram mais espontâneos em suas participações. Isso valida a prática leitora como fundamental para a aquisição do hábito da leitura bem como para o processo cognitivo discente, considerando que

> O texto enfatiza os aspectos cognitivos da leitura, porque consideramos que a percepção de, bem como a reflexão sobre o conjunto complexo de componentes mentais da compreensão contribuirão, em primeira instância, à formação do leitor e, consequentemente, ao enriquecimento de outros aspectos, humanísticos e criativos, do ato de ler. (KLEIMAN, 2004, p. 9).

Dessa maneira, os alunos foram tecendo comentários e apontando os principais pontos notados: a fome, a falta de moradia, as questões governamentais. Também fizeram observações sobre a estética do texto, demonstrando a forma como cada estudante recebe o texto literário e vai desenvolvendo a sua

leitura: os leitores "[...] se diferenciam pelo fato de que alguns evidenciam mais a construção; outros o substrato empírico; desse modo se documentam as metas do conhecimento, assim como a confiabilidade dos enunciados, acerca dos efeitos literários" (ISER, 1996, p. 64). Além disso, de acordo com Zilberman (2009), a prática da leitura possui, em sua essência, uma predisposição cognitiva nata que só se integraliza por intermédio do exercício da ação leitora.

Alguns comentários dos estudantes já mostravam indícios de que eles executaram a leitura dos pontos principais destacados na crônica de CDA.

ERIQUE/9º A — "Texto triste, parece que quando o... Drummond, né?! (Eu digo que sim). Então, quando ele fala, ele também tá triste, num é?"

RAYSSA/9º B — "Quando brigo com minha mãe e falo que vô saí de casa ela fala: 'Prá onde? Vai morá debaixo da ponte?'" (Risos).

JOZIEL/9º B — "A pobreza e falta de condição pra comprá comida."

FELIPE/9º B — "A morte das pessoas que comeu veneno."

KAIQUE/9º B — "Mas eles num sabia que não era sal?"

DANIEL/6º SEMESTRE — "A culpa do governo."

ANNA CLARA/6º SEMESTRE — "Eles não têm moradia porque vivem na miséria."

DANIEL/6º SEMESTRE — "A parte de cima (da ponte) que é usada."

ANNA CLARA/6º SEMESTRE — "A de cima é das outras pessoas que tem carro, que tem casa, que tem tudo."

ANNA CLARA/6º SEMESTRE — "Isso é uma calamidade."

ANNA CLARA/6º SEMESTRE — "Professor, aqui ele (CDA) faz a mesma coisa que naquele texto: toda hora repete 'debaixo da ponte'."

Verifiquei, neste primeiro momento de apontamentos, que alguns alunos perceberam o texto a partir da questão social que CDA apresenta ao leitor, corroborando o que Candido (2004) aponta sobre a literatura social, que não se furta de expressar os reais problemas pelos quais grande parte da sociedade passa. Dessa forma, conforme explica Antonio Candido, CDA vê a necessidade de se expressar e de se posicionar frente às desigualdades sociais, o que foi percebido pelos estudantes ao ampliarem o leque das discussões. O aluno Pedro Henrique comentou sobre o fato de algumas pessoas não trabalharem e citou os personagens que vivem debaixo da ponte: "Mas por que eles num vão procurar tra-

balho? Essas pessoa costuma também só viver de esmola.". Joziel entra na discussão: "Como é que eles vão arrumá emprego se vive lá tudo sujo, com as rôpa tudo rasgada? Ninguém dá emprego não.". Nesse momento os alunos começaram a falar ao mesmo tempo. Aguardei um pouco e retomei a discussão apontando alguns fatores que poderiam ser avaliados. Pedi que pensassem sobre uma crônica escrita em meados do século XX em relação ao momento que vivemos no século XXI. "Então não mudou nada", disse Joziel, "Tá cheio de gente aí passano fome e sem trabalha — eu vejo lá onde eu moro." Kaique disse que: "Mais muitos num gosta de trabalhá, não, meu pai mesmo fala". A aluna Anna Clara, no momento das discussões na EJA, teceu o seguinte comentário: "Eu acho que falta é as pessoas ajudá um ao outro, porque tem gente que tem muito e gente que num tem nada." Com base na percepção discente acerca das desigualdades, da falta de oportunidades e privações que muitas pessoas e famílias sofrem, reafirmei aos alunos ser importante que eles se empenhassem em alcançar uma sólida formação educacional. Ressaltei ainda que a leitura, em especial a literária, são fundamentais nesse processo educativo, pois capacita os sujeitos a lidar com as emoções, refletir e pensar criticamente, se relacionar com o semelhante e obter satisfação pessoal e profissional.

O problema da pobreza extrema que impede o ser humano, dentre outras questões, de ter uma morada digna e se alimentar apropriadamente, observada pelos alunos, reforçou o que Candido (2004) refere-se como 'bens incompressíveis', ou seja, que não podem ser negados a ninguém, como a literatura, principalmente dentro da escola, justamente porque o texto literário retrata a sociedade e, ao provocar reflexões, é capaz de promover a humanização do indivíduo. Sendo assim, dentro ou fora do contexto escolar, a leitura literária é relevante para a constituição de um cidadão mais crítico, reflexivo e que, ciente de seus direitos e deveres, tem condição de atuar com desenvoltura na sociedade, agindo para transformar ou procurar diminuir as injustiças sociais.

Na continuação do trabalho com a leitura de crônicas de CDA, apresentei aos alunos a narrativa intitulada "A lixeira". Essa crônica também demonstra a preocupação do escritor mineiro sobre temas sensíveis e polêmicos que ocorrem na sociedade, nesse caso, o abandono de crianças recém-nascidas.

1.6 Análise da crônica "A lixeira"

Quadro 7 - "A lixeira"

A lixeira

Um dia, quando lhe perguntarem onde é que nasceu, a moça poderá responder, sorrindo: "Na lixeira." Pois realmente foi ali que a jogaram, entre cascas de banana e borra de café, para que não vivesse; e foi dali que a retiraram, viva, para que desse testemunho: até numa lixeira a vida pode começar.

O suposto nascimento anterior, num quarto, não vale para essa menina da Rua Pedro Américo; ele se consumou na clandestinidade, a contragosto da mãe, talvez sem que o pai tivesse notícia e mesmo sem que a mãe tivesse notícia do pai. Não era desejado, não veio precedido de amor, mas de vergonha, medo, angústia, recriminação. Quem nasce sob tais condições negativas é como se não nascesse, e a lixeira foi o instrumento providencial que ocorreu à mãe dessa menina errada, para anular, em escala individual, o efeito da explosão demográfica. Enquanto não se decide a construção de crematórios para os que acabam regularmente, aí está, para os que começam irregularmente, o incinerador do lixo doméstico. Nem seria preciso queimar a menina, com os demais detritos da casa. A morte viria logo — necessária, oportuna, benfazeja.

Mas, naquele dia, a lixeira reagiu de forma imprevista, abstendo-se de cumprir a missão que já tantas mães solteiras, desesperadas ou não, lhe contaram. Ficou surda aos argumentos sociais, morais e econômicos que demonstram a inconveniência de salvar-se uma vida de origem equívoca e de custeio incerto. Guardou a menina como a lixeira pode guardar, sem qualquer cuidado higiênico ou resquício de conforto, mas guardou-a. Não lhe abafou o chorinho com o desmoronamento de um pacote de restos de cozinha, ou a queda de uma lata vazia de pessegada sobre a cabeça. Na verdade, estimulou-a a chorar e bradar, dando-lhe ar pútrido e temperatura de fornalha, para que melhor protestasse e atraísse, pelo sofrimento revoltado, a atenção do faxineiro.

E chegou o faxineiro e tirou daquelas entranhas a recém-nascida, como o obstetra faz o parto. Estava nascendo, na porcaria, uma criança; e outro menino não nasceu, faz muito tempo, num cocho de comida de animais, no estábulo, entre o farelo e o milho? A lixeira pode fazer as vezes de maternidade, berçário moderno para a vida que quer manifestar-se de qualquer modo e não encontra outra saída. O obscuro humanitarismo, a piedade e a simpatia dessa lixeira, não salvaram, criaram a vida. Foi lá que a criança verdadeiramente nasceu, quando os seres humanos, a ordem econômica e os últimos preconceitos lhe negaram ou lhe impediram a existência.

A menina, mais tarde, poderá dizer com alegria reconhecida: "Devo minha vida a uma lixeira, foi nela que vim ao mundo." E nós também devemos alguma coisa a essa lixeira: a lição de respeito à vida.

19-XI-1965

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1970. (p. 97-98).

As aulas do EF-AF em que essa crônica foi trabalhada foram realizadas na quadra esportiva da escola-campo. Ali, solicitei aos alunos se posicionassem em círculo por entender que essa disposição, diferentemente da comum, que mantém a linearidade das carteiras nas salas de aula, representa a condição de igualdade entre os sujeitos. A formação circular não é uma questão técnica. Antes, favorece uma maior interação e, consequentemente, a socialização entre os sujeitos, vez que significa "abrir-se ao diálogo, ao acolhimento da dúvida e da diversidade, à construção de múltiplos enredos afirmados no encontro das singularidades de crianças e adultos, de alunos e professores." (OSTETTO, 2009, p. 182). Já na EJA, por ocorrerem as aulas no período noturno e pelo reduzido número de alunos, permanecemos em sala.

A partir desse trabalho com a leitura de crônicas em sala de aula, verifiquei um fato significante quanto à participação dos alunos: eles se mostraram mais próximos e interessados, diferentemente do que ocorrera no início das aulas. Da mesma forma, demonstraram estar habituados às estratégias adotadas para a leitura, por exemplo, se oferecerem para ler sem que eu solicitasse. Isso foi muito significativo para o percurso, porque percebi neles uma aceitação e disposição mais naturais e sinceras para o trabalho. Essas mudanças eu as atribuo ao processo de mediação, tendo em vista que, a cada encontro, os laços afetivos iam se reforçando na troca de informações, na interação, na 'verdade'.

> O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão das palavras "verdadeiras" é essencial. (PETIT, 2008, p. 185)

Dessa forma, para essa crônica, a leitura foi efetuada somente por alunos e alunas e a temática apresentada por CDA mostrou-se interessante, porque, praticamente, todos discutiram ou emitiram suas opiniões. Isso foi relevante, pois demonstrou que a maioria obteve uma boa compreensão da leitura. Questionei sobre as razões pelas quais alguém teria jogado a filha recém-nata no lixo.

FELIPE/9º B — "O certo era colocá no orfanato e não jogá no lixo."

KAIQUE/9º B — "A necessidade, né, professor. Talvez ela num tinha condição, num tinha dinheiro pra cuidá."

KAIQUE/9º B — "Quem tirô ela de lá (lixeira) será, hein?"

GABRIEL/9º A — "Eu acho que, se a pessoa teve tempo e disposição pra fazê a criança, ela tem que ficá com a criança. Tinha que sê obrigatório."

ERIQUE/9º A — "Não ter condição ou não querer o filho. Provavelmente ela engravidô muito cedo e ela queria estudá mais e sê alguém na vida."

KAROLLAYNI/9º B — "Quem sabe ela estava desesperada? Num sabia o que fazê com a criança."

ANNA CLARA/6º SEM — "Que estória triste, professor. Parece ele (CDA) parece que tá, tipo assim, contando pra alguém."

Eu disse que sim, expliquei que é característica do cronista estabelecer o diálogo com o leitor, que CDA faz isso muito, e bem, tal como outros cronistas.

Depois que comentários foram feitos, eu me propus a reler a crônica. Antes de começar, porém, expliquei que iria fazê-lo mais pausadamente, para que eles pudessem se concentrar na narrativa. E que nós discutiríamos cada parágrafo após a sua leitura, no intuito de que, dessa maneira, uma construção coletiva de significados fosse sendo construída, ou seja, pensando numa leitura que buscasse aquilo que não se viu num primeiro momento de sua execução. Enfatizei a importância de uma leitura mais lenta e atenta, que investiga e procura enxergar além do que texto expressa, considerando, de acordo com Andruetto (2017, p. 86), que

> [...] não é a destreza da leitura, e sim as artes da interpretação as que fazem um grande leitor, porque um leitor inteligente, astuto, sempre lê além da história... narrada, buscando em cada aspecto do texto o segredo que oculta e olhando em profundidade cada canto dessa casa ou desse lar que é um texto.

Assim foi feito e a apreensão textual por parte dos alunos mostrou-se ainda melhor assim como os argumentos que eles utilizaram para fundamentar suas ideias e pontos de vista, tomando por base uma visão mais crítica e reflexiva do que a apresentada nos primeiros comentários. Dessa forma, o aluno Felipe se manifestou dizendo que "Eu entendi agora que ela foi estuprada quando fala aqui (voltando ao texto) que 'não era desejado'. Não concordo dela jogá a criança no lixo não, nem dela abortá, mas ela podia dar pro orfanato." Karollayni falou

que “É difícil julgá ela. A gente vê só o que ela fez, mais num sabe como ela tava passando. O que ela tava sentindo.” Pedro Henrique completou que “Sim, ela podia tá desesperada como fala aqui, sem apoio e sem condição financeira de criá. Eu acho que foi mais desespero mesmo.” Anna Clara relatou que “O texto é triste mesmo, mais ele fala de uma maneira bonita. Isso acontece mesmo, né, professor?! Tem menina, mulher que é estuprada e engravida sem querer. Num é fácil tomá uma decisão depois, tipo, abortá. Jogá no lixo é brabo, mais tinha que tê alguém pra ajudá ela. Nessas hora, ninguém aparece.”. Gabriel disse que “Não tinha visto no texto que a menina tinha sido estrupada, tipo assim: sou contra ela jogá o bebê no lixo e abortá também. Tinha que tê outras opção pra ela, num sei...”.

Ter experienciado novas compreensões e opiniões por intermédio das falas dos alunos foi de grande valia, pois eles demonstraram que os pensamentos foram ampliados diante de um texto em que CDA expõe várias situações pungentes e temas polêmicos da vida humana. Demonstrou que a leitura atenciosa, mediada e comentada permite uma melhor apreensão do texto lido, o que vai ao encontro do que Andruetto (2017) assevera sobre o papel do professor e da escola no auxílio da formação leitora dos estudantes e do trabalho com a literatura:

> [...] para que um jovem se converta em leitor inovador, capaz de ir além do consumo de um relato, mais do que livros de qualidade, ele necessita de ajuda. Para muitas crianças e muitos jovens, a escola é o único espaço onde se pode encontrar essa ajuda, o único espaço possível de contato com a cultura literária. (ANDRUETTO, 2017, p. 87).

Ainda dentro do trabalho de leitura, o comentário da aluna Anna Clara sobre a “fala de uma maneira bonita” remete à assimilação da poeticidade presente na crônica de CDA e, conforme Candido (2004), se a literatura é humanizadora, ela o é em razão de ser capaz das criações que a constituem, porque a eficiência humana é incumbência da eficiência estética.

1.7 Análise da crônica “Os dias lindos”

A última crônica de CDA utilizada para o trabalho foi “Os dias lindos”. Nessa prosa, aparece o cronista mineiro que gosta de andar pelas ruas das ci-

dades, pois “Caminhar é a sua forma de meditar, de contemplar e de refletir.” (MASSI, 2012, p. 65). Ao longo de seu trajeto, CDA vai socializando, observando a vida cotidiana e compõe uma ode à chegada do outono. Citando Cecília Meireles e demonstrando sua afeição pela poetisa, dialoga com seus interlocutores e os convoca a admirarem a beleza do dia, alertando-os a não deixarem que as pessoas e os acontecimentos ruins ofusquem a harmonia e a paz que os dias lindos oferecem.

Quadro 8 - “Os dias lindos”

Os dias lindos

Não basta sentir a chegada dos dias lindos. É necessário proclamar: “Os dias ficaram lindos”.

Acontece em abril, nessa curva do mês que descamba para a segunda metade. Os boletins meteorológicos não se lembraram de anunciá-lo em linguagem especial. Nenhuma autoridade, munida de organismo publicitário, tirou partido do acontecimento. Discretos, silenciosos, chegaram os dias lindos.

E aboliram, sem providências drásticas, o estatuto do calor. A temperatura ficou amena, conduzindo à revisão do vestuário. Protege-se um tudo-nada o corpo, que vivia por aí exposto e suado, bufando contra os excessos da natureza. Sob esse mínimo de agasalho, a pele contente recebe a visita dos dias lindos.

A cor. Redescobrimos o azul correto, o azul azul, que há meses se despedaçara em manchas cinzentas no branco sujo do espaço. O azul reconstituiu-se na luz filtrada, decantada, que lava também os matizes empobrecidos das coisas naturais e das fabricadas. A cor é mais cor, na pureza deste ar que ousa desafiar os vapores, emanações e fuligens da era tecnológica. E o raio de sol benevolente, pousando no objeto, tem alguma coisa de carícia.

O ar. Ficou mais leve, ou nós é que nos tornamos menos pesadões, movendo-nos com desembaraço, quando, antes, andar era uma tarefa dividida entre o sacrifício e o tédio? Tornou-se quase voluptuoso andar pelo gosto de andar, captando os sinais inconfundíveis da presença dos dias lindos.

Foi certamente num dia como estes que Cecília Meireles escreveu: “A doçura maior da vida flui na luz do sol, quando se está em silêncio. Até os urubus são belos, no largo círculo dos dias sossegados”. Porque a primeira consequência da combinação de azul e leveza de ar é o sossego que baixa sobre nosso estoque de problemas. Eles não deixam de existir. Mas fica mais fácil carregá-los.

Então, é preciso fazer justiça aos dias lindos, oferecer-lhes nossa gratidão. Será egoísmo curti-los na moita, deixando de comentar com os amigos e até com desconhecidos, que por acaso ainda não perceberam o raro presente de abril: "Repare como o dia está lindo". Não precisa botar ênfase na exclamação. Pode até fazê-la baixinho, como quem transmite boato e não deseja comprometer-se com a segurança nacional. Mesmo assim, a afirmação pega. Não só o dia fica mais lindo, como também o ouvinte, quem sabe se distraído ou de lenta percepção sensorial, ganha a chance de descobri-lo igualmente. Descobre e passa adiante a informação.

A reação em cadeia pode contribuir para amenizar um tanto o que eu chamo de desconcerto do mundo. De onde se conclui: deixar de lado, mesmo por instantes, o peso dos acontecimentos mundiais, trágicos, esmagadores, para degustar a finura da atmosfera e a limpidez das imagens recortadas na luz, é um passo dado para reduzir o desconcerto, na medida em que a boa disposição de espírito de cada um pode servir de prefácio, ou rascunho de prefácio, à pacificação, ou relativa pacificação, dos povos e seus dominadores. Em vez de alienação, portanto, o prazer dos dias lindos é terapia indireta.

Pode ser que o desconhecido lhe responda com um palavrão, desses em moda na sociedade mais fina. Não faz mal. Não se ofenda. Ele descarregou sobre a sua observação amical o azedume que ameaça corroê-lo no íntimo. Livre desse fel, talvez se habilite a olhar também para o céu e a descobrir mesmo certa beleza esvoaçante no urubu. De qualquer modo, foi avisado. Já sabe o que estava perdendo: a consciência de que certos dias de abril e maio são mais lindos do que os outros dias em geral, e nos integram num conjunto harmonioso, em que somos ao mesmo tempo ar, luz, suavidade e gente.

Fontes: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Os dias lindos*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015. P. 111-112. Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/e-livros-de-cronicas/6107394. Acesso em: 12 set. 2019.

Quadro 9 - "Os dias felizes"

Os dias felizes — Cecília Meireles

Os dias felizes estão entre as árvores, como os
Pássaros:
Viajam nas nuvens,
Correm nas águas,
desmancham-se na areia.

Todas as palavras são inúteis,
desde que se olha para o céu.

A doçura maior da vida
flui na luz do sol,
quando se está em silêncio.

Até os urubus são belos,
no largo círculo dos dias sossegados.

Apenas entristece um pouco
este ovo azul que as crianças apedrejaram:

formigas ávidas devoram
a albumina do pássaro frustrado.

Caminhávamos devagar,
ao longo desses dias felizes,
pensando que a Inteligência
era uma sombra da Beleza.

MEIRELES, C. *Mar absoluto e outros poemas*. In: Obra poética, 3ª edição, 5ª impressão, Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1986. p. 62-63.

Assim como nas aulas anteriores, para este trabalho de leitura os alunos mostraram-se mais desenvoltos e participativos. Acredito que o trabalho de mediação contribuiu muito para essa aproximação e que a crônica, por ser um gênero textual que se vale, entre outras características, da cotidianidade e da linguagem comunicativa, é capaz de proporcionar, conforme Petit (2008), leituras consideráveis na vida dos estudantes. E, então, já habituados com as estratégias, alguns pediram para ler. Eu solicitei que a primeira leitura fosse do poema "Os dias felizes", de Cecília Meireles, e, depois, da crônica de CDA. As leituras ocorreram nessa sequência e, após, abriu-se o espaço de nossas discussões. Alguns comentários logo surgiram.

GABRIEL/9º A — "Tudo aqui que eles fala faz o dia lindo, feliz."

ERIQUE/9º A — "Eu notei uma simplicidade. Basicamente, todo planeta é algo feliz, tudo tem o seu processo. É todo um complemento: tá um dia bom, sossegado, outro ruim."

ANNA CLARA/6º SEM — "Eu entendi que a gente precisa enxergá as coisas boas da vida, né?! Não só as ruim."

JOZIEL/9º B — "Eles tá feliz, né, fessor?! Quando a gente tá feliz, tudo é lindo (risos). Eu achei massa falá dos urubus. Eu torço pro flamengo, urubu é bão, então". (Risos).

Seguindo o roteiro, refiz a leitura comentada. Antes, porém, lembrei a eles que CDA também escrevia poesias e era muito mais conhecido por causa de seus poemas. Também comentei sobre Cecília Meireles, uma das grandes poetisas da literatura brasileira, contemporânea de CDA e muito admirada por ele. Efetuada a leitura do poema e da crônica, os alunos exprimiram novos comentários.

A aluna Anna Clara disse que "Esse texto é diferente dos outros". Eu perguntei o porquê e ela respondeu que "Nos'outro, era sempre contando alguma coisa que aconteceu, tipo, uma história. Nesse é, tipo, a poesia... (olha no texto) os dias felizes. Ele fala muita coisa que tá na poesia, né?! É tipo aquilo que o senhor falô, né, como que é mesmo? É... um texto no outro, num lembro direito." O recurso intertextual foi percebido por Anna Clara e, mesmo não se lembrando da nomenclatura, ela percebeu a relação entre os textos. É que a literatura, segundo Kristeva (1974), consciente ou inconscientemente, se vale de recursos intertextuais que são fatores atuantes na leitura. Diz ela, à luz dos estudos de Bakhtin:

> [...] Bakhtine é o primeiro a introduzir na teoria literária que todo texto se constrói como mosaico de citações, todo o texto é a absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de "intertextualidade" e a linguagem poética lê-se pelo menos como "dupla". (KRISTEVA, 1974, p. 64.).

Assim, afirmei aos discentes a importância da prática da leitura — quanto mais lemos, mais somos capazes de perceber as conexões entre textos, o que é um fator importante para a compreensão textual. Mas Anna Clara também destacou a poesia presente na crônica de CDA ao dizer "Achei bonito isso aqui (lê) [...] *que somos ao mesmo tempo ar, luz, suavidade e gente*. Mais a vida da gente não é sempre assim, né?!", demonstrando que a leitura literária permite ao leitor enveredar pela beleza do texto poético, ao mesmo tempo que o faz pensar acerca da sua vida e a das pessoas — nem sempre todos os dias são felizes ou lindos. Ao refletir sobre a nossa existência, ratifica-se a função humanizadora da literatura. Confiro assim que a interpretação e a apreensão do texto só se efetivam quando este é lido, sendo que,"para os procedimentos mais diversos da in-

terpretação, a leitura dos textos é uma pressuposição indispensável, ou seja, um ato que sempre antecede os atos interpretativos e seus resultados". (ISER, 1996, p. 45). Posto isso, segundo Candido (2004), o efeito causado pelos textos literários é edificado pelas palavras estruturadas e organizadas de tal forma que geram em nós uma ordenação mental que, quer "percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo." (CANDIDO, 2004, p. 177).

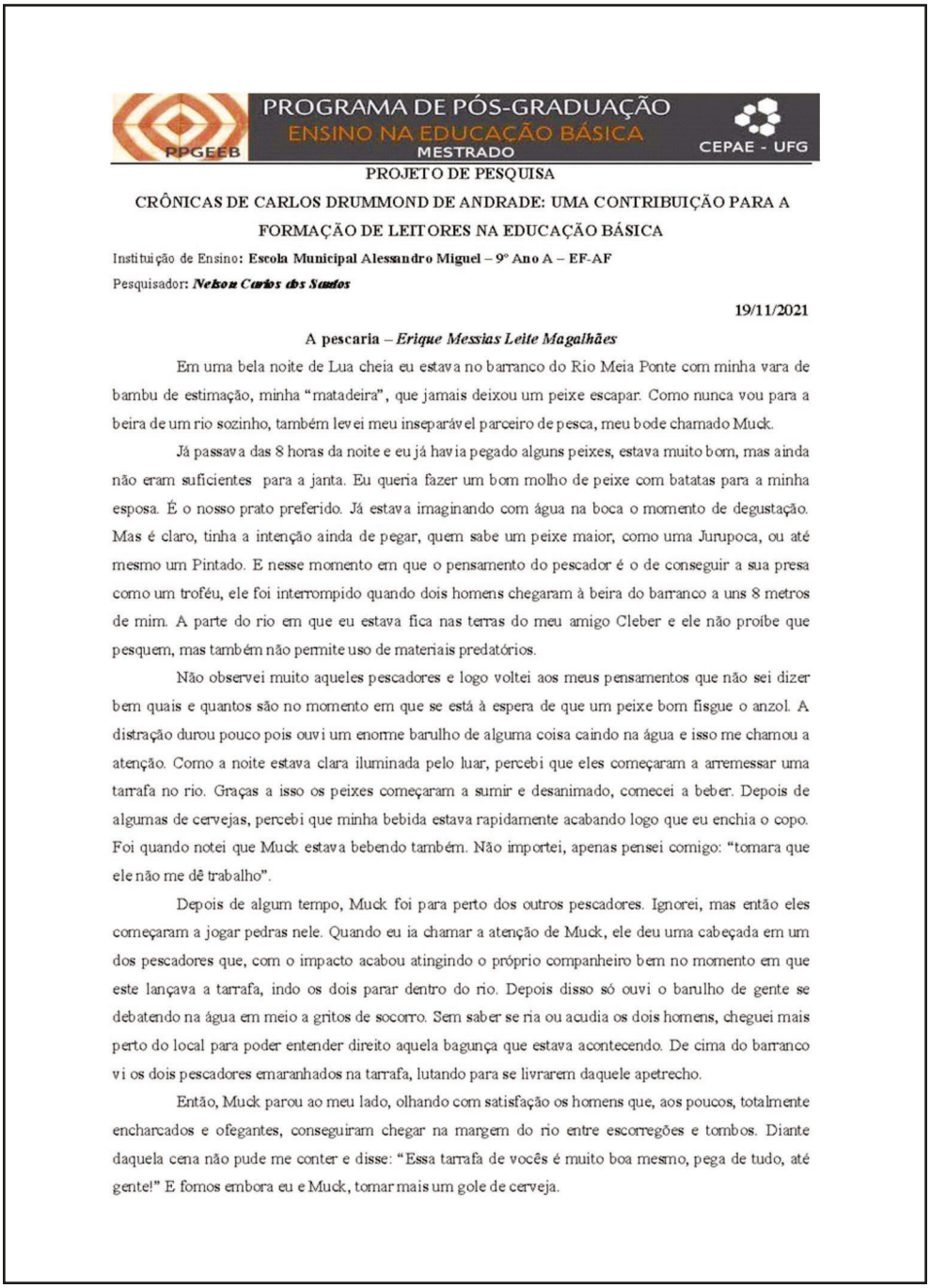
Na sequência, das palavras de Erique surgiu uma nova reflexão. Para ele, "Talvez, não quer dizer que às vezes a gente não pensa que estar vivo é bom também? Acho que a gente reclama muito. E num vive, né, as coisas que são bonita no mundo. Assim, tem muita coisa ruim memo, mais parece que a gente dá mais valor pras ruim que pras boa.". Percebi que, após as leituras e as discussões, Erique reformulou o seu pensamento em comparação ao primeiro comentário:

> [...] se os textos não recebem sua realidade de antemão, mas a alcançam por uma espécie de reação química processada entre o texto e seu leitor, tal "reação" já aponta para o papel do leitor; do leitor enquanto habitado por orientações e valores que ele próprio não domina conscientemente. Noutras palavras, é o efeito (produto de orientações e valores) atualizado no leitor que lhe serve de filtro para emprestar sentido à indeterminação contida na estrutura do texto. (LIMA, 1979, p. 24).

Essa reconstrução de ponto de vista indica também o valor da literatura que, segundo Candido (2004), envolve a universalidade e, por isso, nos conduz à reflexão, mantendo a capacidade de (re)modelar o homem em relação às suas emoções e à sua compreensão do mundo, edificando-nos e nos desprendendo da perturbação e da desordem, porque humaniza.

Uma vez finalizados os trabalhos de mediação com leituras de crônicas, a última atividade deveria ser a da produção textual de uma crônica pelos alunos — conforme havia sido proposto para o registro do trabalho no início da pesquisa-ação. Assim, apresentamos a seguir três textos produzidos pelos alunos, finalizados mediante processo de escrita, leitura, reescrita e releitura até a produção final abaixo.

Quadro 10 - Produções de texto da pesquisa - Crônica I - A pescaria, de Erique M. L. Magalhães



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO
PPGEEB
CEPAE - UFG

PROJETO DE PESQUISA

CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Instituição de Ensino: **Escola Municipal Alessandro Miguel – 9º Ano A – EF-AF**

Pesquisador: ***Nelson Carlos dos Santos***

19/11/2021

A pescaria – ***Erique Messias Leite Magalhães***

Em uma bela noite de Lua cheia eu estava no barranco do Rio Meia Ponte com minha vara de bambu de estimação, minha "matadeira", que jamais deixou um peixe escapar. Como nunca vou para a beira de um rio sozinho, também levei meu inseparável parceiro de pesca, meu bode chamado Muck.

Já passava das 8 horas da noite e eu já havia pegado alguns peixes, estava muito bom, mas ainda não eram suficientes para a janta. Eu queria fazer um bom molho de peixe com batatas para a minha esposa. É o nosso prato preferido. Já estava imaginando com água na boca o momento de degustação. Mas é claro, tinha a intenção ainda de pegar, quem sabe um peixe maior, como uma Jurupoca, ou até mesmo um Pintado. E nesse momento em que o pensamento do pescador é o de conseguir a sua presa como um troféu, ele foi interrompido quando dois homens chegaram à beira do barranco a uns 8 metros de mim. A parte do rio em que eu estava fica nas terras do meu amigo Cleber e ele não proíbe que pesquem, mas também não permite uso de materiais predatórios.

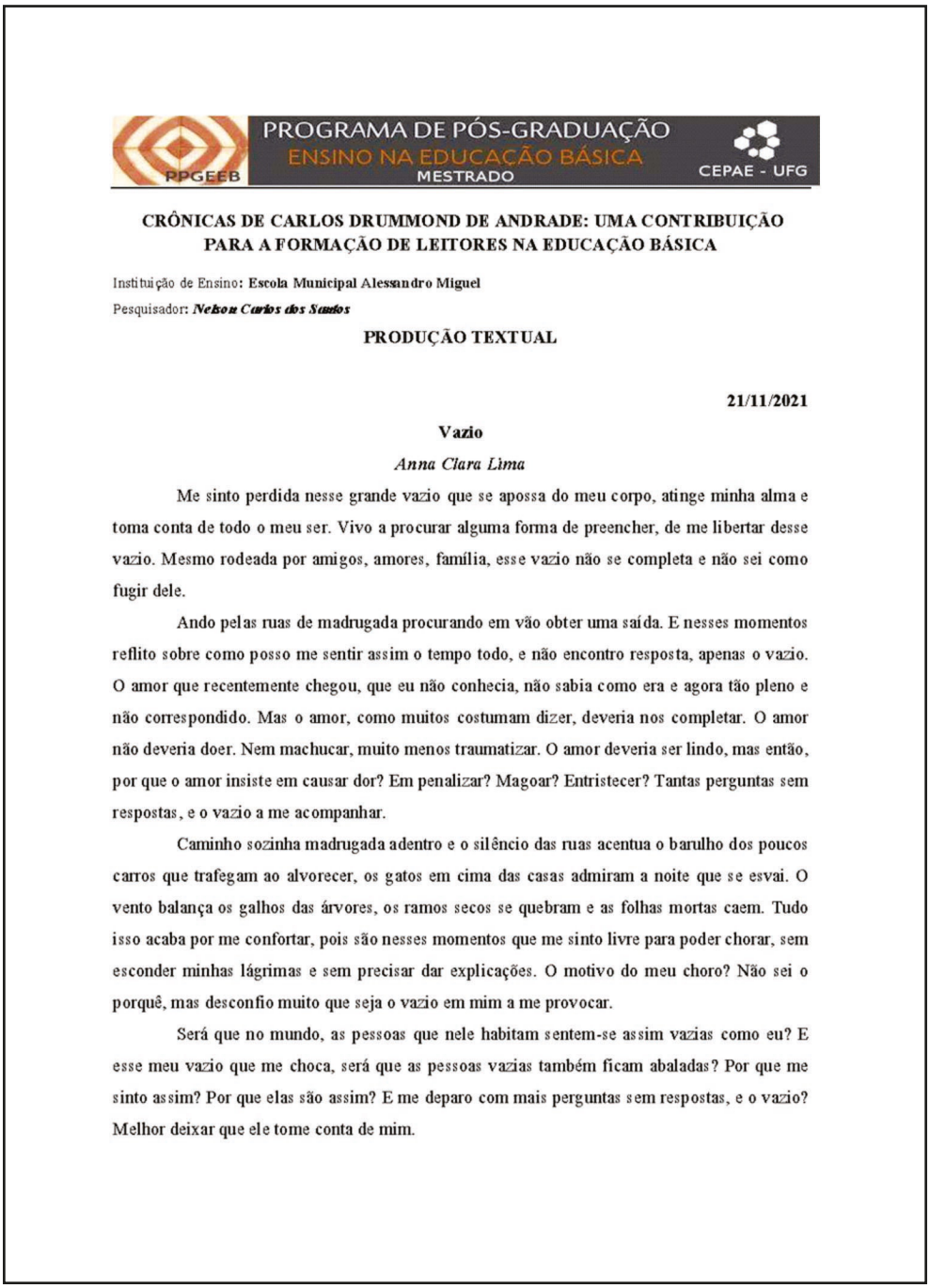
Não observei muito aqueles pescadores e logo voltei aos meus pensamentos que não sei dizer bem quais e quantos são no momento em que se está à espera de que um peixe bom fisgue o anzol. A distração durou pouco pois ouvi um enorme barulho de alguma coisa caindo na água e isso me chamou a atenção. Como a noite estava clara iluminada pelo luar, percebi que eles começaram a arremessar uma tarrafa no rio. Graças a isso os peixes começaram a sumir e desanimado, comecei a beber. Depois de algumas de cervejas, percebi que minha bebida estava rapidamente acabando logo que eu enchia o copo. Foi quando notei que Muck estava bebendo também. Não importei, apenas pensei comigo: "tomara que ele não me dê trabalho".

Depois de algum tempo, Muck foi para perto dos outros pescadores. Ignorei, mas então eles começaram a jogar pedras nele. Quando eu ia chamar a atenção de Muck, ele deu uma cabeçada em um dos pescadores que, com o impacto acabou atingindo o próprio companheiro bem no momento em que este lançava a tarrafa, indo os dois parar dentro do rio. Depois disso só ouvi o barulho de gente se debatendo na água em meio a gritos de socorro. Sem saber se ria ou acudia os dois homens, cheguei mais perto do local para poder entender direito aquela bagunça que estava acontecendo. De cima do barranco vi os dois pescadores emaranhados na tarrafa, lutando para se livrarem daquele apetrecho.

Então, Muck parou ao meu lado, olhando com satisfação os homens que, aos poucos, totalmente encharcados e ofegantes, conseguiram chegar na margem do rio entre escorregões e tombos. Diante daquela cena não pude me conter e disse: "Essa tarrafa de vocês é muito boa mesmo, pega de tudo, até gente!" E fomos embora eu e Muck, tomar mais um gole de cerveja.

Fontes: Dados da pesquisa 11/2021.

Quadro 11 - Produções de texto da pesquisa - Crônica II - Vazio, de Anna Clara Lima



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO
RPGEEB
CEPAE - UFG

CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Instituição de Ensino: **Escola Municipal Alessandro Miguel**

Pesquisador: ***Nelson Carlos dos Santos***

PRODUÇÃO TEXTUAL

21/11/2021

Vazio

Anna Clara Lima

Me sinto perdida nesse grande vazio que se apossa do meu corpo, atinge minha alma e toma conta de todo o meu ser. Vivo a procurar alguma forma de preencher, de me libertar desse vazio. Mesmo rodeada por amigos, amores, família, esse vazio não se completa e não sei como fugir dele.

Ando pelas ruas de madrugada procurando em vão obter uma saída. E nesses momentos reflito sobre como posso me sentir assim o tempo todo, e não encontro resposta, apenas o vazio. O amor que recentemente chegou, que eu não conhecia, não sabia como era e agora tão pleno e não correspondido. Mas o amor, como muitos costumam dizer, deveria nos completar. O amor não deveria doer. Nem machucar, muito menos traumatizar. O amor deveria ser lindo, mas então, por que o amor insiste em causar dor? Em penalizar? Magoar? Entristecer? Tantas perguntas sem respostas, e o vazio a me acompanhar.

Caminho sozinha madrugada adentro e o silêncio das ruas acentua o barulho dos poucos carros que trafegam ao alvorecer, os gatos em cima das casas admiram a noite que se esvai. O vento balança os galhos das árvores, os ramos secos se quebram e as folhas mortas caem. Tudo isso acaba por me confortar, pois são nesses momentos que me sinto livre para poder chorar, sem esconder minhas lágrimas e sem precisar dar explicações. O motivo do meu choro? Não sei o porquê, mas desconfio muito que seja o vazio em mim a me provocar.

Será que no mundo, as pessoas que nele habitam sentem-se assim vazias como eu? E esse meu vazio que me choca, será que as pessoas vazias também ficam abaladas? Por que me sinto assim? Por que elas são assim? E me deparo com mais perguntas sem respostas, e o vazio? Melhor deixar que ele tome conta de mim.

Fontes: Dados da pesquisa 11/2021.

Quadro 12 - Produções de texto da pesquisa - Crônica III - A emboscada, de Daniel A. Cardoso

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO
PPGEEB
CEPAE - UFG

PROJETO DE PESQUISA
CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Instituição de Ensino: **Escola Municipal Alessandro Miguel – 6º Semestre II Etapa – EJA – Noturno**
Pesquisador: ***Nelson Carlos dos Santos***

PRODUÇÃO TEXTUAL

19/11/2021

A emboscada

Daniel Alves Cardoso

As relações humanas são muito complicadas, algumas delas inexplicáveis, bem como a justiça dos homens.

Ele se chamava Antônio e ela Clarice, dividiam uma humilde residência no Setor Pedro Ludovico em Goiânia.

Clarice sempre fora uma esposa dedicada, trabalhava para manter suas necessidades, estudava na EJA, cuidava dos afazeres do lar e também ajudava nas despesas de casa. Já Antônio tinha mais defeitos do que qualidades, não gostava de trabalhar, vivia quase sempre em bares e em jogos de baralho, além do que, quando Clarice reclamava de suas atitudes, ele costumava agredi-la.

Ao perceber que essa situação só piorava, Clarice resolveu pedir o divórcio a Antônio. Ele, no primeiro momento, tentou argumentar e fazer com que ela mudasse de ideia. Mas Clarice estava decidida e Antônio, mesmo a contragosto, concordou com a separação. Isso ocorreu porque ela, como não tinha lugar para ir, pediu a ele que a deixasse continuar vivendo na mesma casa, mesmo após a sentença da ruptura divulgada, até que ela pudesse encontrar um local para se mudar. Assim, ele acreditava que estando morando no mesmo local, seria possível uma reconciliação.

Os dias se seguiram com o casal oficialmente separado compartilhando o mesmo teto.

Mas as coisas foram se modificando. Antônio arranjou um emprego, não frequentava mais bares e jogatinas e começou a estudar na EJA. Clarice não deixou de trabalhar, entretanto não mais se importava em cuidar da casa nem ajudar nas despesas e acabou abandonando a escola. Se tornou uma mulher mais vaidosa e começou a sair todas as noites em busca de diversão.

Clarice havia mudado, já não era mais aquela mulher acanhada e agredida, agora era como se estivesse querendo aproveitar um tempo perdido. Antônio não concordava com aquilo, mas por ainda gostar muito dela e não ter coragem de pedir que ela saísse da casa, acabava por aceitar. E foi então que ela, em suas noites de curtição, reencontrou Luiz, um rapaz que outrora havia namorado. E daí, sem que Antônio soubesse, passaram a se ver frequentemente revivendo esse antigo relacionamento.

Clarice e Luiz agora estavam mais do que nunca entrelaçados, eram vistos sempre juntos nas noites nos bares e danceterias da cidade a sorrir e conversar. Foi então que, essa união começou a se desviar para um caminho mais torto.

Como era de costume, Clarice saía sempre às 4 horas da manhã para ir trabalhar pois precisava tomar duas conduções para chegar ao seu destino. Ela nunca pedira a companhia de Antônio para deixá-la no ponto de ônibus. Mas, em uma sexta-feira que não era dia 13, ela insistiu com seu ex-marido, alegando que estava com muito medo e com um mau pressentimento, que ele a acompanhasse até ao ponto de parada do coletivo. Ele, no primeiro momento não aceitou, mas, diante da insistência, cedeu aos pedidos de Clarice. Saíram os dois e caminhavam até o local desejado quando de repente dois homens, um deles o Luiz, apareceram em meio à escuridão e foram em direção a Antônio. Luiz disfarçou e pediu fogo para acender um cigarro. Quando Antônio foi pegar o isqueiro no bolso de sua calça, o outro homem deu a volta por trás segurando-o enquanto Luiz, sem nenhuma piedade, o esfaqueou várias vezes. Antônio caiu na calçada mortalmente ferido, agonizando em pleno alvorecer.

Quando o dia finalmente clareou só restava ali um corpo inerte mergulhado em seu próprio sangue.

Sabe-se que Clarice, em razão das imagens de câmeras do local foi vista tranquilamente caminhando no mesmo horário perto da cena do crime. A polícia a levou para prestar depoimento. Ela diz não ter visto nada, muito menos saber de algo. Sob suspeita, nega qualquer envolvimento com esse homicídio. Luiz e seu comparsa nunca mais foram vistos. Antônio perdeu a vida. Justiça será feita?

Projeto de Pesquisa apresentado à **2ª Etapa** do Processo Seletivo (2019) – Edital 002/2018
Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB)
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE)
Universidade Federal de Goiás - UFG
Goiânia-GO

Fontes: Dados da pesquisa 11/2021.

Assim, as aulas de leitura de crônicas terminaram e um questionário final com perguntas abertas a respeito das impressões acerca da pesquisa foi repassado aos alunos. Apenas quatro alunos participantes responderam e me devolveram o questionário, que se encontra na súmula abaixo, sem a identificação nas respostas, de acordo com o que foi estabelecido e firmado nos documentos oficiais entregues ao início da investigação.

Quadro 13 - Questionário final da pesquisa

1ª pergunta aberta — Como você descreve o seu envolvimento em relação às aulas realizadas, tendo como objetivo as crônicas de Carlos Drummond de Andrade?
I. *Foi muito proveitoso. Uma coisa que sempre ouvíamos falar, mas não sabíamos que seria tão bom esses momentos para nossos conhecimentos. O quanto a literatura ajuda nosso sentido interior. Ainda mais quando se fala de Carlos Drummond de Andrade, esse mestre da literatura.*
II. *Muito boas, melhorando as minhas perspectivas em relação aos textos.*
III. *Eu achei muito bom porque deu para eu entender coisas que antes eu não entendia.*
IV. *Relatou muitos fatos da vida e mostrou a realidade, me fez pensar muito como está o mundo.*
2ª pergunta aberta — Após a conclusão das aulas e atividades do projeto "Crônicas de Carlos Drummond de Andrade: uma contribuição para a formação de leitores na educação básica", quais foram as suas impressões? O que mais lhe chamou a atenção?
I. *O tanto que a leitura nos faz bem. Como uma crônica pode nos fazer imaginar coisas que fazem bem e são fáceis quando a gente se dedica à leitura.*
II. *Boas e animadoras, uma sensação melhor de expressividade crítica e pessoal.*
III. *Como o (Carlos Drummond) ele via coisas no cotidiano e fazia crônicas.*
IV. *Sobre aquele texto que fala muitas vezes "morreu de fome" fiquei muito triste pelo fato de que tem pessoas que morrem de fome e a maioria não faz nada para ajudar.*

3ª pergunta aberta — Como você se sentiu como leitor?

I. *Um simples cidadão que por meio desse projeto o meu aproveitamento seria passo a passo, visto que eu tinha muitas dúvidas sobre literatura e eu soube aproveitar um pouquinho de cada crônica a cada aula.*

II. *Interessado no conteúdo.*

III. *Eu me senti muito bem porque não foi só ler, eu aprendi também.*

IV. *Como se eu estivesse na história lá, como eu convivo com isso quase todo dia.*

4ª pergunta aberta — Você acredita que as aulas com leitura foram significativas para você? Foram capazes de ajudá-lo(a) a ter mais criatividade, mais sensibilidade e mais criatividade?

I. *Sim. Visto que as crônicas fazem parte de nosso cotidiano e sem dúvidas elas nos ensinam a estar interagindo com os problemas que assolam em meio à sociedade e nos faz refletir.*

II. *Sim. Despertou mais o meu interesse nos livros, textos e me ajudou a compreender melhor os textos.*

III. *Sim, pois me ajudou na leitura e me fez evoluir bastante como leitor.*

IV. *Sim, porque eu sabia que existe fome e tudo isso na vida, mas nunca parei para pensar tanto.*

5ª pergunta aberta — As leituras das crônicas contribuíram para a sua compreensão de mundo, da vida e de sua própria história? Como?

I. *Sim, por ser tão significante para o estímulo do meu raciocínio e poder analisar os acontecimentos.*

II. *Não. Eu continuo com as mesmas ideias e ideais.*

III. *Porque me fez perceber os dois lados de uma situação e entender e formular, o que está conhecendo no momento.*

IV. *Sim, abrindo a nossa mente para pensar mais como está o mundo e o que a gente pode fazer para melhorar.*

6ª pergunta aberta — Este espaço é para você fazer críticas, dar opiniões e sugestões a respeito do trabalho com a leitura das crônicas desenvolvido ao longo das aulas.

I. *Não, quando passamos por momentos tristes e alegres, mas que estavam sendo proveitosos para o meu conhecimento e dos meus colegas*

II. *Boa. Não tenho o que reclamar.*

III. *Eu não tenho nenhuma crítica e nem uma opinião, porque foi muito bem-organizado e trabalhado.*

IV. *Eu gostei, mas acho que os encontros foram no pior momento possível e porque ficou perto das provas, aí ninguém estava indo com frequência e isso estava atrapalhando o trabalho.*

Fonte: Dados da pesquisa 11/2021.

Ao encerrar os trabalhos propostos com a pesquisa-ação, fiz os agradecimentos a cada um dos participantes e comuniquei-lhes que o objetivo principal da pesquisa de utilizar o gênero textual crônica dentro de uma sequência didática que pudesse auxiliar no ensino e na aprendizagem dos alunos no que se refere à prática da leitura e, por consequência, na interpretação oral e escrita, bem como gerar reflexões do professor e dos discentes sobre a prática pedagógica aplicada havia sido alcançado, permitindo uma compilação dos trabalhos para compor o produto educacional da pesquisa. Informei ainda que foi possível confirmar a hipótese inicial da pesquisa de que *é possível que os estudantes se identifiquem e desenvolvam a prática da leitura crítica a partir do gênero textual crônica* e, em assim sendo, contribuir para a formação de um leitor literário com capacidade crítica e reflexiva, mais humanizado, autonômo e atuante na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a formação do leitor literário é uma finalidade a ser alcançada dentro do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e alunas da Educação Básica. Esse objetivo deve sempre ser perseguido e ressaltado tendo em vista que, ao fornecer uma educação escolar de qualidade, é possível formar cidadãos críticos, reflexivos e atuantes no ambiente em que se inserem.

Entendemos ainda que a escola é, na modernidade, segundo Coelho (2000), espaço privilegiado com a incumbência de construir os alicerces para a formação e o desenvolvimento do indivíduo. Assim sendo, a escola, dentre os ensinamentos que oferece, deve privilegiar o ensino literário por este ser, de forma geral, o estudo que mais impulsiona o ser humano a refletir, conscientemente, acerca de si e de seu semelhante.

De maneira que as ações e as práticas pedagógicas propostas e executadas com o intuito de contribuir para a formação do leitor literário permitiram que este produto educacional fosse constituído em concordância com o compromisso assumido junto ao PPGEEB de conceder aos professores do Ensino Fundamental - Anos Finais e da Educação de Jovens e Adultos um trabalho que possa ser de utilidade, contribuindo com o melhoramento do Ensino na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. *De notícias & não notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

_____. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 21 ed. 2000. p. 108-111.

_____. Debaixo da ponte. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967.

_____. *Os dias lindos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

_____. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970.

ANDRUETTO, M. T. *A leitura, outra revolução*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

CANDIDO, A. (org.). *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades - Ouro Sobre Azul, 2004.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

ISER, W. *O ato da leitura*. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção Teoria). Trad. Johannes Kretschmer. Vol. 1.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor:* aspectos cognitivos da leitura. 9 ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LIMA, L. C. *A literatura e o leitor:* textos da estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MORAN, J. M. *Leitura dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.

MEIRELES, C. Mar absoluto e outros poemas. In: *Obra poética*. 3 ed. 5 imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986.

OSTETTO, L. E. *Na dança e na educação*: o círculo como princípio. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 165-176, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/bjphmXRN7jYRNGVp4wZK3Qb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2022.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura*: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008. Tradução Celina Olga de Souza. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/384498171/PETIT-Michele-Os-Jovens-e-a-Leitura>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PRADO, J. (Org.); CONDINI, P. (Org.) *A formação do leitor:* pontos de vista, Rio de Janeiro: Argus, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (org.). *Escola e leitura*: velhas crises, novas alternativas. São Paulo: Global Editora, 2009. (Coleção Leitura e Formação). Disponível em: <https://www.academia.edu/17381477/Regina_Zilberman_A_escola_e_a_leitura_da_Literatura>. Acesso em: 25 maio 2021.

SOBRE OS AUTORES

Nelson Carlos dos Santos

Possui mestrado pelo Programa de Pós-Graduação no Ensino da Educação Básica - PPGEEB - CEPAE - UFG. Graduação em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (2008). Especialização em Linguagem, cultura e ensino pela Universidade Estadual de Goiás (2019). Atua como professor de LEM - Inglês e Língua Portuguesa da Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura de Inhumas-GO.

Célia Sebastiana Silva

Possui doutorado em Literatura pela UNB, onde defendeu a tese "Consciência crítica na prosa de ficção de Carlos Drummond de Andrade"; mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás; especialização em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduação em Letras pela UEG-Goiás e em Direito pela UFG. É professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da UFG onde atua da educação básica à pós-graduação, desde 2009. Suas linhas de pesquisa estão voltadas para a poesia brasileira moderna e contemporânea, teoria e crítica da poesia lírica e para a área de ensino de literatura e de formação do leitor literário na educação básica, especialmente o leitor de poesia. Atua no PPGEEB-CEPAE-UFG e coordena projetos de pesquisa e extensão na área de leitura literária e formação de leitores na educação básica como PIPOESIA e TRAPPO - VOZ E POESIA.